

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

MARIA RAQUEL GOMES DA SILVA

SER ARTISTA-PROFESSORA EM ARTES VISUAIS:
TRAJETÓRIAS ARTÍSTICAS E ACADÊMICAS DE ADRIANA
MENDONÇA, ELIANE CHAUD E FLÁVIA LEME

Goiânia

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Maria Raquel Gomes da Silva**

Título do trabalho: **Ser artista-professora em artes visuais: trajetórias artísticas e acadêmicas de Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio Soares, Professor do Magistério Superior**, em 02/02/2024, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Raquel Gomes Da Silva, Discente**, em 02/02/2024, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4341031** e o código CRC **BD462B00**.

Referência: Processo nº 23070.003010/2024-54

SEI nº 4341031

MARIA RAQUEL GOMES DA SILVA

**SER ARTISTA-PROFESSORA EM ARTES VISUAIS:
TRAJETÓRIAS ARTÍSTICAS E ACADÊMICAS DE ADRIANA
MENDONÇA, ELIANE CHAUD E FLÁVIA LEME**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Soares.

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Maria Raquel Gomes da
Ser artista-professora em Artes Visuais: Trajetórias Artísticas e Acadêmicas de Adriana Mendonça, Eliane Chaud e FLávia Leme [manuscrito] / Maria Raquel Gomes da Silva. - 2024.
76 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, fotografias, lista de figuras.

1. Artista-professora. 2. Ensinar-aprender. 3. Prática Artística. 4. Prática Educativa. I. Soares, Marcos Antonio, orient. II. Título.

CDU 73



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de fevereiro do ano de 2024 iniciou-se, às 9h na sala 11 da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso(TCC) intitulado **Ser artista-professora em artes visuais: trajetórias artísticas e acadêmicas de Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme**, de autoria de **Maria Raquel Gomes da Silva**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Marcos Antonio Soares (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Juliano Ribeiro de Moraes (FAV/UFG) e Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado com correções mínimas**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio Soares, Professor do Magistério Superior**, em 02/02/2024, às 08:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliano Ribeiro De Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 02/02/2024, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 07/02/2024, às 22:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4327481** e o código CRC **CB5FA23A**.

Dedico às minhas filhas Maíra, Mariana e Clara Mercês
e ao Geraldo.

À Fayga Ostrower (*in memoriam*) que me apontou o caminho do amor à arte e à
vida.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos aos seguintes, pela permissão de reprodução de imagens, sons, fotografias e textos:

À Adriana Mendonça, pela gentileza e por deixar-me conhecer um pouco de sua vida artística e sua família;

À Eliane Chaud, pela dedicação em ensinar-me a arte e deixar-me mais sensível ao mundo!

À Flávia Leme, pelo cuidado em dizer-me: “vai dar certo” diante de minhas dificuldades;

À Manoela Afonso dos Anjos Rodrigues por me deixar ver como deveria ser “outra academia é possível”; permitir ver que arte é uma construção de linguagem visual: nela exige trabalho, pensamentos, dúvidas.

Ao meu orientador, Prof. Marcos, por motivar-me a praticar a escrita ensinando-me a fazer os alinhavos necessários exigidos em nossa língua erudita, e sobretudo, a não desistir de meus sonhos! Muito obrigada;

Às/Aos estudantes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, que compartilharam comigo os momentos maravilhosos em sala de aula!

Ao pessoal que me ajudou a preparar o tear, a costurar alguns fios soltos, a filmar, a fotografar e a apresentar este trabalho: ao Ícaro pela ajuda na formatação, ao Ailton Meira na filmagem; à Gabi pela ajuda nas correções e sugestões etc.

E à Seduc-MT e à Escola Estadual Francisca Barros de Carvalho, pela minha ausência por motivo de força maior.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]

Paulo Freire (1992)

RESUMO

A temática norteadora da investigação neste trabalho focaliza as relações entre o trabalho artístico e docente no contexto universitário, buscando estabelecer conexões entre o ensino-aprendizagem e os processos criativos em Artes Visuais. A motivação para esta pesquisa surgiu da necessidade de compreender melhor as relações entre a arte, o fazer artístico e a educação. Como *lócus* para o estudo, optou-se em ouvir as artistas-professoras que atuam no curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, em funcionamento na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme são artistas e professoras. Achei fundamental ouvir a respeito da atuação tanto da artista quanto da docente que são, pois, a integração se dá mais efetivamente entre o processo de ensino e o processo artístico em um curso de bacharelado dentro da universidade. Atuando como professora na Educação Básica, percebo que a arte e a educação me desafiam, pois em mim desempenham um papel significativo para o meu desenvolvimento humano, me estimulam a sentir e a ser criativa, a expressar e a aprofundar minha apreciação estética. Dentre os aportes metodológicos, foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica, em seguida, mediante recursos como questionário/roteiro, as entrevistas; fiz um levantamento dos trabalhos artísticos de cada uma delas; cataloguei as fontes bibliográficas, registros em vídeo e fotografias; observei o cotidiano em sala de aula de ensino na instituição. A busca de uma leitura atenta e crítica aos referenciais pesquisados, em diálogo com as narrativas das artistas-professoras, é uma parte importante deste estudo, pois dela procuro compreender melhor esta temática e posso contribuir com mais segurança para a qualidade do ensino de arte e do meu ensinar-aprender.

Palavras-Chave: Artista-professora; Ensinar-aprender; Prática artística; Prática educativa.

ABSTRACT

The guiding theme of this investigation focuses on the relationships between artistic work and teaching in the university context, seeking to establish connections between teaching and learning processes and creative practices in Visual Arts. The motivation for this research arose from the need to better understand the relationships among art, artistic practice, and education. As a locus for the study, it was decided to listen to the artist-teachers working in the Bachelor's and Degree course in Visual Arts at the Faculty of Visual Arts of the Federal University of Goiás (FAV/UFG). Adriana Mendonça, Eliane Chaud, and Flávia Leme are both artists and teachers. It was considered essential to explore the roles of both the artist and the teacher, as integration occurs more effectively between the teaching process and the artistic process in a bachelor's degree course within the university. Working as a teacher in Basic Education, I realize that art and education challenge me, playing a significant role in my human development, encouraging creativity, expression, and deepening my aesthetic appreciation. Among the methodological contributions, bibliographical research was initially conducted. Using resources such as a questionnaire/script and interviews, I conducted a survey of the artistic works of each participant, cataloged bibliographic sources, video records, and photographs, and observed daily life in the teaching classroom at the institution. The search for an attentive and critical reading of the researched references, in dialogue with the narratives of the artist-teachers, is a crucial aspect of this study. I aim to better understand this theme and contribute with greater confidence to the quality of art teaching and my teaching-learning process.

Keywords: Artist-teacher; Teach-learn; Artistic practice; Educational practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Freire, Paulo. Capa do livro pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 1996.	17
Figura 2 - Adriana Mendonça	30
Figura 3 - Ateliê/sala de aula de gravura, FAV/UFG	31
Figura 4 - Eliane Chaud	40
Figura 5 - Trabalhos da série "Estudo para pensar composição, cor, volume e outros"	41
Figura 6 – Exposição Entrelinhas e Entreformas	43
Figura 7 - Aula de 10/12/2021, Eliane Chaud	43
Figura 8 - trabalhos de aluno e aluna apresentados durante a aula de 10/12/2021. .	44
Figura 9 - Citação de Henry Adams.	44
Figura 10 - Flávia Leme	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRÁTICAS ARTÍSTICAS E EDUCATIVAS EM ARTES VISUAIS NA UNIVERSIDADE	19
1.1 Ensino de Artes Visuais na UFG	19
1.2 Arte e docência: algumas referências	21
1.3 Arte, artistas e professoras: aspectos conceituais	23
2 DIÁLOGOS SOBRE TRAJETÓRIAS ARTÍSTICAS E ACADÊMICAS DE ARTISTAS-PROFESSORAS	27
2.1 Aspectos teórico-metodológicos das entrevistas	27
2.2 Adriana Mendonça: experiências com gravuras em livros de artista e fanzines..	30
2.3 Eliane Chaud: poéticas compartilhadas e o cotidiano	40
2.4 Flávia Leme: desvios do barro em tridimensional	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DAS PESSOAS PARTICIPANTES NA PESQUISA	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de uma investigação realizada no decorrer do último ano do curso de Graduação em Artes Visuais, modalidade Bacharelado, ministrado na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), tendo por tema as relações e as contribuições da prática artística e docente exercidas por artistas-professoras no contexto de uma instituição universitária pública. Buscando refletir e fundamentar a compreensão do tema, optou-se em ouvir os relatos e observar as vivências de algumas das artistas-professoras que atuam no próprio curso de graduação da FAV/UFG, em particular, as docentes e artistas visuais Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme.

Diversos fatores contribuíram na delimitação desse recorte temático e na motivação em realizar essa investigação, visando atender satisfatoriamente às exigências de um trabalho de final de curso na graduação. Inicialmente, vale destacar que, depois de vários rascunhos, pude fazer um balanço estrutural sobre o que poderia escrever para dar sentido ao meu trabalho. Considero que não poderia deixar de falar sobre o meu percurso e minha decisão, no ano de 2016, em cursar a Licenciatura em Artes Visuais na FAV/UFG, me aproximando do conhecimento teórico e prático do campo das Artes Visuais.

Naquele momento o Brasil passava por uma reforma da previdência e me encontrava insegura diante dela, porque não sabia se aposentava ou não como técnica administrativa da UFG desde 1994; estava insegura se perdia ou acrescentava o tempo de contribuição e o tempo trabalhado. Porém, nesse contexto, me dei conta que um novo ciclo se iniciava e que não podia me imaginar da mesma forma que na letra Epitáfio, dos Titãs, de 2002, sem ter experimentado mais um desafio: ser artista-professora. Posso agora citar a música que me envolvia naquele instante e que me fazia pensar antes que me fosse impossível a volta (diante de meu epitáfio):

Devia ter amado mais
 Ter chorado mais
 Ter visto o sol nascer
 Devia ter arriscado mais
 E até errado mais
 Ter feito o que eu queria fazer

Queria ter aceitado
 As pessoas como elas são
 Cada um sabe a alegria
 E a dor que traz no coração

O acaso vai me proteger
 Enquanto eu andar distraído
 O acaso vai me proteger
 Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos
 Trabalhado menos
 Ter visto o sol se pôr
 Devia ter me importado menos
 Com problemas pequenos
 Ter morrido de amor

Queria ter aceitado
 A vida como ela é
 A cada um cabe alegrias
 E a tristeza que vier

O acaso vai me proteger
 Enquanto eu andar distraído
 O acaso vai me proteger
 Enquanto eu andar

...

Devia ter complicado menos
 Trabalhado menos
 Ter visto o sol se pôr

Então, dessa maneira, busquei me envolver no que há de bom na vida, em projetos que poderiam me favorecer pessoal e profissionalmente. Nesse momento da vida, achei que devia aproveitá-la melhor e que eu possa aproveitar o pôr do sol e o nascer do sol, aceitar as pessoas como elas são, porque “cada um de nós somos a alegria e a dor que traz no coração” (Titãs, 2002). Isso me fez caminhar para uma nova jornada: ser professora de Arte na Educação Básica. Para isso, ingressei na UFG como portadora de diploma, em 2016, e iniciei, de fato meu novo ciclo como graduanda na Licenciatura em Artes Visuais. Contudo, fiquei no curso da Licenciatura em Artes Visuais até 2018, mudando de modalidade acadêmica para o Bacharelado em Artes Visuais. Isso ocorreu porque havia passado no concurso de 2017 da Educação Básica do Estado de Mato Grosso, para professora de Arte e, naquele momento, foi necessário fazer as disciplinas pedagógicas para obter o certificado em Licenciatura em Artes Visuais, exigido pelo Estado, para assumir o cargo, caso fosse chamada logo. Para atender essa exigência da qualificação pedagógica, realizei um curso de graduação à distância numa outra instituição de ensino superior. Dessa forma, mudar de modalidade foi pensado e tornou-se imprescindível porque não queria perder meu vínculo com a Faculdade de Artes Visuais da UFG, e, principalmente, para compartilhar outras vivências no campo artístico, as quais

favoreceriam desenvolver-me melhor como investigadora dos processos artísticos e das possibilidades de “ensinar-aprender” com mais segurança e cuidado os conteúdos da área de Arte.

Atuando como professora de Arte, confrontando os desafios vividos na Educação Básica numa escola situada no Estado do Mato Grosso, percebi a necessidade de investigar, refletir e compreender melhor as implicações entre a minha ação na prática artística e na prática educativa em Artes Visuais. Assim como este e outros fatores, a temática para essa investigação surgiu a partir do momento em que me vi dentro de uma sala de aula como professora de Arte e me deparei com diferentes problemáticas, dentre as quais, a utilização de material didático pronto e as limitações de possibilidades criativas em Artes Visuais.

Depois de um período de trancamento do curso de Bacharelado em Artes Visuais, em 2023, obtendo uma licença do trabalho para acompanhar meu esposo em tratamento de saúde em Goiânia, aproveitei o momento para concluir as disciplinas que ainda faltavam no curso.

Diante das inquietações vividas no cotidiano da docência, assim como, no processo de estudo na graduação da UFG, considerando a especificidade dessa modalidade de formação profissional em Artes Visuais, as seguintes perguntas motivadoras me norteiam na presente investigação: Como construir, por meio da prática artística, um espaço de reflexão sobre a prática docente? Pois, dessa maneira, posso contribuir com o desenvolvimento de habilidades artísticas e educativas em sala de aula ou dentro de um ateliê, de forma que o meu crescimento enquanto educador/a caminhasse junto ao crescimento dos/as estudantes? Como a criação, o conhecimento e o fazer artístico podem me ajudar a estabelecer conexões significativas no ensino de Arte, de modo a contribuir com o desenvolvimento de minhas habilidades, saberes e aprendizagens, assim como, dos/as educandos/as?

No processo de construção da problemática dessa pesquisa, considero como determinante a leitura do artigo *O lugar da arte na escola*, publicado pela pesquisadora/artista/professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues da FAV/UFG, na qual, destaco a seguinte afirmativa: “A escuta da estudante que fui tornou-se, portanto, crucial para a construção de minha identidade como professora e hoje reconheço a inviabilidade de pensar a prática docente dissociada da experiência discente” (Rodrigues, 2014, p. 5).

A minha busca nessa nova maneira de exercitar a construção da solidariedade, de saberes que me atravessam, endossam as mesmas perguntas feitas por Rodrigues (2014, p. 7): “Como é produzido o ensino de arte?” “Como o mundo da arte e o mundo da educação convivem? E como poderiam conviver melhor? Que outros espaços de aprendizagem podem constituir juntos?” E, acrescento: Por que Arte no singular, se existem tantas linguagens e possibilidades artísticas a serem ensinadas e aprendidas na educação? Quando do meu ingresso na carreira do magistério, fiquei atordoada diante das quatro linguagens a serem ensinadas desde o 6º ano do Ensino Fundamental ao 2º e 3º anos do Ensino Médio e comuniquei aos estudantes que havia uma graduação/licenciatura para cada uma dessas linguagens: Artes Visuais, Música, Dança e Artes Cênicas. Vivenciando essa realidade, percebi o quanto é complexo e desafiador o entendimento dessa relação entre o campo da produção artística e a dinâmica do ensinar-aprender Arte no espaço institucional.

Com base no exposto acima, tenho como objetivo geral investigar a relação entre a formação de “ser artista que educa e ser professora que faz arte” (Almeida, 2009, p. 66), vivenciada em um curso de Bacharelado em Artes Visuais por artistas-professoras da FAV/UFG. E a partir desse objetivo estabeleci os seguintes objetivos específicos:

- Refletir sobre a concepção e a especificidade de ser artista-professora;
- Analisar as conexões, os desafios e as implicações entre o trabalho artístico de artistas-professoras e o ensino de artes visuais na FAV/UFG;
- Promover encontros com as artistas-professoras que possam ser gravados e fotografados, visando a explicitação e análise de suas concepções e procedimentos no campo artístico e docente.

Dentre os aportes metodológicos da investigação, foi realizada a pesquisa bibliográfica e documental, utilizando recursos como o levantamento e o estudo de fontes bibliográficas, o levantamento de dados e fichamento de fontes escritas pelas próprias artistas-professoras. Para compreender e analisar as conexões, desafios e implicações do fazer das artistas-professoras e do ensino de artes visuais da FAV/UFG, utilizamos a metodologia de entrevistas e fotografias registradas em encontros com as três artistas-professoras buscando produzir um registro detalhado

que permitisse a explicação e análise de seus entendimentos e práticas tanto na arte quanto no ensino. Essas gravações visuais e entrevistas ajudam a compreender melhor as experiências das participantes e de todos envolvidos.

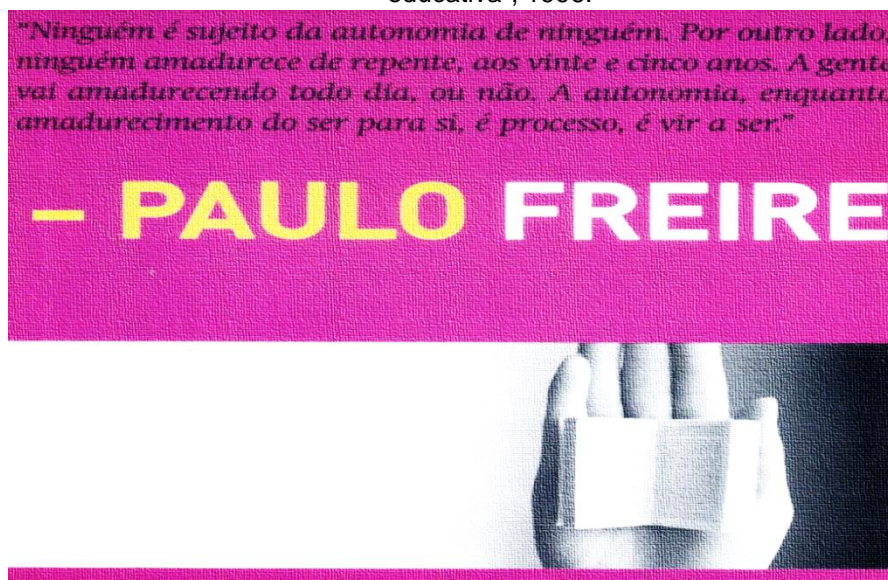
No processo de levantamento bibliográfico sobre o tema, buscou-se informações presentes no Projeto Pedagógico de Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado da FAV/UFG, Bases de Dados como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia BDTD/IBICT, SciElo, publicações da ANPAP, catálogos virtuais das bibliotecas universitárias, portal de periódicos da CAPES e repositórios de TCCs.

A razão pela qual optou-se em focar na experiência concreta e na entrevista com algumas artistas-professoras, está ancorada nas palavras de Almeida (2009, p. 23): “Decidi que deveria buscar a experiência concreta dos artistas-professores e interpretá-la [...] analisar as experiências vividas no cotidiano do ensino e as percepções [...], o que e por que acontece; como pensam e o que pensam delas”. Segundo Almeida (2009), esse entendimento apoia-se no pensamento formulado por Heidegger, no sentido que a experiência é aquela que nos afeta e nos transforma.

Seguindo o caminho metodológico da investigação realizada por Almeida (2009), dentro dos limites de aprofundamento de um curso de graduação, buscamos apoio em fontes que pudessem contribuir com uma análise crítica sobre o tema. Nesse sentido, visando atender os objetivos propostos neste trabalho, o referencial teórico é, prioritariamente, formado por artistas-professores da graduação e pós-graduação, dentre os quais, destaco: Célia Maria de Castro Almeida (2009) em “Ser artista, Ser professor: razões e paixões do ofício”; Ricardo Basbaum (2013) em “Manual do artista-etc.”; Jocielle Lampert e Carolina Nunes (2014) em “Entre a prática pedagógica e a prática artística: reflexões sobre Arte e Arte Educação”; Luise Weiss (2010) em seu artigo “Artes Visuais nas Universidades: um espaço para fazer, experimentar, pensar e aprender a ver”; Manoela Rodrigues (2014) no citado artigo “O lugar da arte na escola”; nas dissertações de Patríciane Teresinha Born (2012), denominada de “Entre a docência e o fazer artístico e atuação coletiva de professoras artistas” de Denise Pereira Rachel (2013), com o título “Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer”; na tese de Carmem Lúcia Rodrigues Arruda (2012), com o título “Arte, trabalho e profissão docente: contradições nas relações dos artistas na universidade pública”.

Além destes autores, constituindo referências do campo educacional, recorro também às contribuições de John Dewey (2010) em “Arte como experiência”, e vou fazendo e refazendo leituras e releituras, e me aproximo da teoria pedagógica de Paulo Freire como no livro “Pedagogia da autonomia” (1996) e no “Pedagogia da esperança” (2001), que me atravessam desde sempre, porque busco nessa experiência sempre essa autonomia como um ser interdependente, conectada como na frase escrita na capa do livro “Pedagogia da autonomia”:

Figura 1- Freire, Paulo. Capa do livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”, 1996.



Fonte: **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 1996.

Detenho-me nessa citação, pois ela me traz a alegria de ter chegado aos 63 anos, inacabadamente, inconclusamente, cheia deste vir a ser, devido ao meu encontro com a prática educativa das artistas-professoras e de outros tantos professores ao longo de minha vida acadêmica na FAV/UFG e outras instituições educativas.

Na exposição do tema, optou-se em organizar o trabalho em duas seções. Na primeira, contextualizo a instituição universitária onde atuam as artistas-professoras participantes da pesquisa, assim como, faço uma síntese de conceitos centrais do trabalho e indico importantes referências que tratam das reflexões e conexões entre a prática artística e educativa, em conformidade com as experiências das artistas-professoras supracitadas, que sabem acerca das ideias e pensamentos da Escola Bauhaus de Walter Gropius, influência de Paul Klee e Wassily Kandinsky, e as contribuições de artistas como Joseph Beuys, Nelson Leirner, entre outros.

Na segunda seção, abordo a trajetória artística e pedagógica de Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme, artistas-professoras em questão, por meio de entrevistas semiestruturadas, observação e gravação de aulas, fotografias de seus trabalhos artísticos virtuais em sites ou materializados em revistas científicas, em dissertações de mestrado e teses de doutorado.

No final do trabalho, nas considerações finais, busco articular e sintetizar alguns aspectos convergentes e divergentes em relação às perspectivas artísticas e pedagógicas indicadas nas entrevistas e nas produções das participantes na pesquisa. Espero que, no percurso desse trabalho, as pessoas possam se encantar, tanto como eu, com a singularidade, a produtividade e a generosidade dessas mulheres artistas-professoras: Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme.

1 PRÁTICAS ARTÍSTICAS E EDUCATIVAS EM ARTES VISUAIS NA UNIVERSIDADE

Nesta primeira seção apresento uma síntese da criação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Faculdade de Artes Visuais (FAV), em especial, sobre os cursos de graduação em Artes Visuais, nas modalidades Bacharelado e Licenciatura. Serão apresentadas, também, as contribuições teóricas de algumas autoras que investigaram este tema em suas dissertações e teses.

1.1 Ensino de Artes Visuais na UFG

Considero importante destacar, inicialmente, que sou parte da UFG desde 1994, como técnica administrativa, atuando como bibliotecária-documentalista. Desde essa época eu acompanho o crescimento e a história desta instituição universitária, a qual é o campo institucional onde atuam as artistas-professoras Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme, que participam e contribuíram significativamente com essa pesquisa.

A UFG tem uma atuação diversificada desde a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), a Graduação e a Pós-Graduação, sendo marcada por um significativo crescimento quantitativo e uma diversificada produção cultural, educacional e acadêmica ao longo dos “seus mais de 60 anos” de idade (www.fav.ufg.br).

A FAV/UFG tem uma história singular, resultado de um esforço coletivo que acompanhou as tendências de criação das faculdades públicas brasileiras. Em 9 de novembro de 2020, essa instituição comemorou seu Jubileu de Diamante: “60 anos de Arte (1960-2020)”. Com base na publicação divulgada no site oficial da instituição, podemos conhecer uma síntese dessa história:

O Instituto de Belas Artes de Goiás foi criado por meio da Lei estadual nº 3.113, de 09 de novembro de 1960, promulgada pelo governador do Estado de Goiás, José Feliciano Ferreira. Em março de 1961, o Conselho Universitário da Universidade Federal de Goiás aprovou a incorporação do IBAG. Em 15 de março de 1962, as atividades do IBAG foram iniciadas no edifício do Museu de Arte Moderna, localizado no Lago das Rosas. Nesse mesmo ano, a Lei estadual nº 4.227, de 9 de novembro de 1962, possibilitou a transferência do IBAG para a Universidade Federal de Goiás. Entretanto, a incorporação definitiva ocorreu com o Decreto Federal nº 60.675, de 3 de maio de 1967. Em 1º de setembro de 1967, o Decreto Federal nº 61.266 altera sua nomenclatura para Faculdade de Artes. Em 1968, devido ao Plano de Reestruturação da Universidade Federal de Goiás, ocorreu a fusão entre a

Faculdade de Artes e o Conservatório Goiano de Música, passando à denominação de Instituto de Artes. Passados quase 28 anos da fusão institucional, em 1996, as duas instituições se separaram, surgindo a Faculdade de Artes Visuais, período este em que a instituição retomou o seu formato inicial como nos tempos de sua fundação. (Cf. Site oficial da FAV/UFG, acesso em 20/10/2023: <https://fav.ufg.br/p/33243-quem-somos>).

Dentre os cursos de graduação da FAV/UFG, o curso de Artes Visuais – Bacharelado foi reconhecido pela portaria da SESU/MEC nº 718 de 06 de outubro de 2006. Em sua configuração curricular, esse curso tem a seguinte proposição:

Propõe um entendimento da arte como conjunto de processos artísticos que se articula criticamente às reflexões teórico-conceituais presentes nos debates contemporâneos sobre arte, cultura e sociedade. Ao oferecer um embasamento prático e teórico específico como pilar curricular para a criação individual e coletiva em artes visuais, o curso estimula seus estudantes a desenvolverem uma capacidade crítica, reflexiva e poética que, quando associada aos meios e linguagens que melhor atendem aos projetos artísticos de cada estudante (ou de grupos de estudantes), levam à formação inicial de um corpo de uma obra e de uma trajetória artística. O estudo de técnicas variadas (desenho, pintura, gravura, escultura, novas mídias) associado ao ensino de história, teoria e crítica da arte e da cultura visual é incrementado, ao longo do curso, por um programa extracurricular de conferências, debates, viagens e visitas a exposições. Desta forma, espera-se que os futuros bacharéis em artes visuais tenham condições não apenas de atuar nos principais segmentos da arte já existentes, mas também de transformá-los bem como criar nichos de atuação no campo da arte e da cultura, seja em âmbito local, regional, nacional ou internacional. (Cf. Site oficial da FAV/UFG, acesso em 20/10/2023: <https://fav.ufg.br/p/artes-visuais-bacharelado>).

No caso da nomenclatura atual do curso de Licenciatura em Artes Visuais na FAV/UFG, este curso de graduação foi reconhecido pelo MEC pela portaria MEC N.º 1.373 em 22/04/2005 e seus princípios são capacitar profissionais para o ensino de artes visuais, para os diferentes níveis da educação básica (ensino fundamental e médio). Importante destacar que as professoras-artistas, participantes desta pesquisa, atuam como docentes em disciplinas ofertadas e comuns nessas duas modalidades da graduação em Artes Visuais na FAV/UFG.

No contexto da FAV/UFG, constata-se que historicamente o ensino de artes vai se aprofundando e institucionalizando, ampliando a relação entre o processo artístico e educativo, especialmente, no campo da linguagem das Artes Visuais. Concretiza-se, nos referidos cursos de graduação, os preceitos indicados nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, conforme define a Resolução CNE/CES nº 1, de 16 janeiro de 2009:

Art. 3º O curso de graduação em Artes Visuais deve ensejar, como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando ao desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística,

da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais. (Cf. Portal do Ministério da Educação, acesso em 20/10/2023: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf).

1.2 Arte e docência: algumas referências

Para fundamentar o estudo do tema nessa investigação, busco como referência as análises e os procedimentos teórico-metodológicos contidos na tese de Maria Célia de Castro Almeida, defendida em 1992, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), do Estado de São Paulo, com o título: *O trabalho do artista plástico na instituição de ensino superior: razões e paixões*. Atuando, também, como docente nesta instituição, a autora investigou a experiência de artistas-professores com o ensino de artes nas instituições de ensino superior, dedicando especial atenção sobre as concepções de ensino, de educação e de arte destes profissionais.

Em 2009, a tese de Maria Célia Almeida passou para a versão livro, com o título: *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. No prefácio escrito pelo seu orientador, professor Milton José de Almeida – vinculado ao DELART, da Faculdade de Educação da Unicamp – ele fala-nos que a autora “entrevistou artistas plásticos que são professores, artistas em suas especialidades plásticas, e não artistas em geral, nem músicos, nem escritores”. E seguindo na leitura do prefácio, ele avança dizendo que fica mais compreensível os problemas dos sujeitos participantes entrevistados que ensinam em instituições,

principalmente porque muitas vezes hoje a educação de arte não é mais vista como conhecimento das obras mestras, de técnicas e operações estéticas, mas principalmente vista como experiência, o que resvala na ideia de que todos podemos ser artistas, e que as artes “educam” para o conhecimento “integral” do homem, além de ser uma experiência de “liberdade”. (Milton Almeida, *in*: Almeida, 2009, p. 14).

Conforme expressa Almeida (2009, p. 22), o objetivo de sua pesquisa de tese foi o de conhecer a realidade do ensino da arte na graduação recolhendo dados da experiência de artistas-professores, pois eles/elas detêm o sentido real de práticas e saberes do cotidiano desse ensino. Ela acrescenta que escolheu essa forma de acolhimento de informação porque “queria saber além do registro documentado, por

entender que os documentos mascaram o movimento real: transformam em algo abstrato, formal e hegemônico [...]”. A autora escolheu o/a artista, que é professor/a, porque queria ouvir como ele/ela ensina e pensa a arte e como se sente ao experienciar junto aos/às estudantes e numa instituição a que está ligado. Em sua produção, a autora apresenta uma significativa análise sobre o tema e indica fontes importantes que se relacionam com essa realidade.

Outra referência importante de estudo, foi a tese de doutorado de Carmen Lúcia Rodrigues Arruda (2012), com o título *Arte, trabalho e profissão docente: contradições nas relações de trabalho dos artistas na Universidade Pública*, no capítulo “Ensino Superior e Economia Cultural”, na qual a autora apresenta uma contribuição para compreender o processo de institucionalização da Arte. Ela também resenhou o livro de Célia Maria Almeida, cujo título da resenha é: *As artes no ensino superior: entre a razão e a paixão*. Em sua reflexão, Arruda (2012), traz uma consideração importante que Almeida (2009) preparou em seu tecido os fios de uma análise do “trabalho do professor de arte, o ensino de arte, o conteúdo curricular, as disciplinas, o ensino da técnica, a noção de liberdade e os mitos em torno do artista” (Arruda, 2012, p. 210).

No campo das Artes Visuais, em maior ou menor medida, nós fomos influenciados pela escola de arte e design alemã Bauhaus, fundada em 1919, por Walter Gropius. Considero significativa essa referência, devido à sua importância cultural, histórica e pedagógica a partir da modernidade, a qual contribuiu, sobretudo, nas possibilidades de integrar as práticas criativas e educativas no ensino superior. Esta instituição foi pioneira em uma abordagem interdisciplinar para o ensino de arte e design, que enfatizava a funcionalidade e a simplicidade. Esta abordagem influenciou muitos artistas e designers brasileiros, que incorporaram os princípios da Bauhaus em seu trabalho. Por exemplo, o arquiteto modernista brasileiro Lúcio Costa estudou na Bauhaus em 1924 e levou as ideias da escola para o Brasil. Ele foi um dos principais arquitetos do Plano Piloto de Brasília, a capital do Brasil, que foi projetada com base em princípios modernistas e funcionalistas.

A influência da Bauhaus na cultura brasileira pode ser vista em muitos outros campos, incluindo design gráfico, moda e mobiliário. A escola ajudou a estabelecer uma tradição modernista no Brasil que ainda é evidente e até hoje sua influência traz benefícios ao processo criativo.

Além disso, a escola da Bauhaus representou um marco na história do ensino das artes. Segundo Barros (2011), a Bauhaus também foi criada a partir da fusão da

Academia de Belas Artes de Weimar e a Escola de Artes e Ofícios, em 1919. Passa quatorze anos ensinando uma linguagem universal, em que os benefícios da vida moderna fossem partilhados por todas as pessoas.

1.3. Arte, artistas e professoras: aspectos conceituais

Para uma melhor compreensão do tema, entendo como necessária uma formulação conceitual e sintética, dos termos centrais refletidos no trabalho. Com base em alguns dicionários e no estudo de textos de referência, foi possível delinear alguns entendimentos, dentre os quais, o sentido da palavra Arte (mas, como não existe uma definição) que se aproximasse com a palavra artista. No dicionário *An intermediate greek-english lexicon*, me vi diante do termo grego τέχνη, relacionado com a palavra arte, com o sentido de ação realizada com habilidade, o trabalho com as mãos, a destreza, a perícia; assim como, significando: ofício, profissão, que fazem parte de um arsenal de quem exerce o ofício artístico. O termo Arte vem da palavra latina *Ars, Artis*, f. arte; mister; talento; saber; profissão; habilidade, encontrada no *Dicionário Básico Latino-Português*.

No livro *Acasos e a criação artística* de Fayga Ostrower (1999), no prefácio da obra escrito pela própria autora, ela fala do acaso assim: “[...] o ponto de partida, aqui, é a noção de que não existe criação artística sem acasos. Mas será que existem acasos na criação”? Ela nos fala que estes instantes de intuição que sentimos e que queremos escrevê-los, são expressões do que pensamos, apreciamos e criamos. Nesse sentido, a cada momento vamos sonhando e construindo outros mundos possíveis, na intenção de viver um momento de justiça e amor à vida e à arte – ela se pergunta: “Seriam meros acasos”?

No estudo realizado por Arruda (2012), cujo título é “Sobre vidas de artistas”, ela inicia com as seguintes perguntas: Quem é o artista? Como se forma? Como vive? Como trabalha? Segundo essa autora, é comum o entendimento estereotipado que para ser artista ela/ele já nasce com um dom, propício para o desenho, para pintar, para o canto, para bordar e costurar, para tocar um instrumento, entre outras possibilidades artísticas. Ela avança no entendimento que ser artista é ser como um “profissional comum, que vive simples, é uma pessoa que luta para sobrevivência dela/dele”. Que ao escolher a profissão artística, essa pessoa vai passar por preconceitos duros e imaginários da própria cultura na qual vive. Ser artista nas

diferentes culturas tem-se modificado e passa por um processo de mudança ao longo dos séculos, pois não era fácil o reconhecimento mesmo entre os gregos, criadores da estética e da consciência do belo.

No decorrer dos estudos, foi muito significativa a análise e a contribuição de Sarah Thornton (2015), em sua obra *O que é um artista?*, na qual foi possível apreender aspectos diversos dos bastidores do campo artístico na contemporaneidade. A autora acompanhou por 4 anos artistas de vários países e dos “quilates mais variados”. Se encontrou várias vezes, pessoalmente, para investigar o que significa fazer arte hoje. No final, ela vê o “retrato íntimo do artista contemporâneo – em toda a sua diversidade e singularidade”. Thornton inicia a introdução citando Marcel Duchamp, em que ele diz: “Não acredito em arte. Acredito em artista”. Ao analisar essa afirmativa, a autora reitera:

Artistas não fazem arte apenas. Artistas criam e preservam mitos que tornam suas obras influentes [...]. Ao rejeitar o handmade, o feito a mão, em favor do readymade, o encontrado feito, Duchamp fundou o ofício de construir identidades, além de ideias. (Thornton, 2015, p. 9).

A contribuição de Edmilson Vitória de Vasconcelos (2007), em seu artigo *As poéticas pedagógicas do artista-professor*, propiciou incorporar o entendimento formulado por Ricardo Basbaum em relação ao “artista-etc”. Com base nesta concepção, pode-se imaginar diversas categorias “simultâneas” de artista, nas quais o artista sobrepõe e mistura outras funções à função original de artista, como bem expressa a seguinte afirmativa:

Basbaum observa que pode imaginar diversas categorias do artista-etc, nas quais, o artista sobrepõe, acumula e mistura outras funções à sua função original de artista: “(...) artista-curador, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc.” Ao imaginar estas possibilidades Basbaum cria um híbrido e instaura um questionamento que emergirá a cada nova combinação da função de artista e uma outra função qualquer. Esta condição, por sua vez, leva-nos a refletir sobre o próprio fazer artístico e do papel do artista-etc. nos seus processos. Nestes processos, todas as ações articuladas pelo artista-etc. serão permeadas, atravessadas e contaminadas pelo fazer artístico, visto que o artista-etc., apesar da diferença entre o artista-artista – artista em tempo integral – o artista-etc., é também, artista o tempo todo, mas que mistura e hibridiza com uma outra função-etc. (Vasconcelos, 2007, p. 792).

Para Vasconcelos (2007, p. 792), este ponto de vista enfatiza o artista-professor como uma pessoa capaz de fazer uso das “técnicas e métodos pedagógicos como estratégia poética para a instauração de uma aula-obra de arte, sendo esta, um híbrido que é e não é aula, e é e não é uma obra de arte”.

Dentre os estudos sobre a temática de ser artista professor, essencial nesta investigação, destaca-se as contribuições teóricas, as publicações e as experiências pedagógicas de Jocielle Lampert (2014; 2016), a frente do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, vinculada à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Para uma apreensão do conjunto de ações implementadas por este grupo, vale a pena uma consulta aprofundada sobre a produção contida no site: <<http://www.apothekeestudiodepintura.com/>>. As investigações dessa autora têm contribuído significativamente na compreensão de questões relacionadas com a experiência e o lugar de quem produz e ensina Arte, a qual tem sido problematizada há a algum tempo. Conforme afirma:

Minhas reflexões incidem sobre o lugar do artista professor. O termo foi usado inicialmente por George Wallis, em meados do século dezenove, e vem sendo construído desde então, para firmar um retrato pedagógico da identidade associado a práxis do fazer/saber Arte. Uma rede de ações, textos/teorias e práticas foram desenvolvidas, para entender o processo de pensamento que discute o lugar do professor artista, que é um processo conceitual de ampliar um modo artístico e estético de pensar o ensino de Arte. Cabe ressaltar que, todo o objeto artístico poderá ser passível de dinâmicas pedagógicas, políticas e discursivas e que desta forma, situa-se o artista professor, não como um “artista legitimado, inserido em um sistema ou circuito de produção artística”, mas sim, ou também, situa-se o artista professor, no contexto universitário, da produção do conhecimento em articulação com a produção artística e suas experiências estéticas. Obviamente, neste sentido, o trabalho do professor (sua docência) perpassa pela condição de pesquisa e produção poética (não com finalidade em adentrar em um circuito ou mercado artístico), mas sim em um contexto de produzir experiências singulares, conforme Dewey (2010) apontou, partindo da construção poética, da expressividade de seus planejamentos, de experimentações que enlaçam saberes teóricos e práticos, sobre sua área de conhecimento, situando este conhecimento em uma dinâmica contextual e, sobretudo, com consciência. Também é relevante salientar, neste sentido, que a Arte que ensinamos na Universidade é diferente da Arte que circula no sistema e mercado de Arte; que é diferente da Arte que ensinamos na Escola. Trata-se do mesmo cerne (Arte) e, no entanto, com objetivos e proposições distintas. Este assunto instaura-se entre a formação pedagógica para artistas e a formação artística para professores, no que diz respeito às metodologias artísticas utilizadas no ensino e na investigação (Lampert, 2016, p. 9).

Recorrendo ao entendimento das artistas-professoras da FAV/UFG, sobre a relação entre a dimensão educativa e artística, com base nas entrevistas que serão aprofundadas na próxima seção do trabalho, destaca-se a compreensão de Eliane Chaud que pensa a responsabilidade de professora que desperta no outro a arte da sensibilidade, ou seja, enquanto artista-professora, ela pode ajudar nesse processo de despertar para a sensibilidade do olhar. Na perspectiva de Adriana Mendonça, as referências e as vivências anteriores na educação demarcam a nossa memória e determinam as nossas atitudes posteriores como educadores/as. Mendonça relata

que no processo de formação escolar ela fora influenciada pela professora dela a fazer arte. Ela pensa que a paixão em ensinar surgiu um pouco mais tarde, também motivada pela professora dela de ilustração. No seu entendimento, os elos dessa relação são profundos: “Eu me realizo ensinando. Para mim é uma coisa que atravessa o meu processo todo de vida. Não só a arte, mas o ensino também” (Entrevista concedida em 2023).

Na perspectiva de tratar de aspectos significativos para o aprofundamento da temática em estudo, na próxima seção será enfatizada a análise a partir das reflexões e das experiências relatadas pelas artistas-professoras Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme.

2 DIÁLOGOS SOBRE TRAJETÓRIAS ARTÍSTICAS E ACADÊMICAS DE ARTISTAS-PROFESSORAS

2.1 Aspectos teórico-metodológicos das entrevistas

Seguindo o caminho teórico-metodológico da investigação realizada por Almeida (2009), considerando os limites de tempo e as condições para realização de um trabalho de final curso de graduação, busquei apoio, também, em outras fontes importantes de estudo (Batista, Matos, Nascimento, 2017; Gil, 2002; Lampert, 2016; Marconi; Lakatos, 2003; Weiss, 2023). Com base nessas referências, considerei pertinente o uso da observação de vivências na instituição (na condição de graduanda) e do procedimento da entrevista como possibilidade de colher empiricamente os dados junto às artistas-professoras da FAV/UFG: Adriana Mendonça, Eliane Chaud e Flávia Leme.

Na etapa final da investigação, utilizando de um roteiro com perguntas semiestruturadas, foram realizadas as entrevistas. Outros recursos de pesquisa, também, foram utilizados, como o vídeo e a fotografia dos documentos levantados. Considerou-se nas entrevistas a possibilidade de modificação do roteiro ao longo das conversas, conforme os princípios formulados por Triviños (1987, p. 146): “A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes”.

Mesmo incorrendo em erros por minha falta de experiência em executá-las, considero que foi uma experiência que me afetou e me transformou profundamente, deixando-me mais segura em relação aos resultados da investigação. Para a análise dos dados colhidos, recorri também à maneira que Almeida (2009, p. 31) utilizou em sua investigação: ligar a prática e a teoria, que segundo ela “a riqueza está na troca entre uma e outra”. Seguindo essa perspectiva, esta autora procurou conhecer “a realidade do ensino da arte na graduação pela experiência dos artistas-professores, ou seja, daqueles que detêm o sentido real das práticas e saberes do cotidiano desse ensino”.

Concordando com Almeida (2029, p. 22), esta autora afirma que avançou na pesquisa colhendo nas fontes de informações “a própria experiência – intelectual e

prática – mais que fatos, acolhi a subjetividade, a multiplicidade e a heterogeneidade de concepções e práticas dos artistas-professores”.

Assim como Almeida (2009), percebo que algumas perguntas e inquietações nortearam a realização da investigação, tais como: Como organizar as falas e os pensamentos das entrevistadas? Como e de que forma demonstrar o conteúdo das narrativas? Como a citada autora, estava interessada em investigar a relação da prática artística e a prática educativa, mas de maneira compartilhada, nos envolvendo mutuamente, com essa reflexão impregnada das falas delas mesmas contando suas próprias histórias, seus caminhos percorridos, seus pensamentos, valores e intuições, suas produções artísticas e suas práticas educativas.

Preocupada com o ambiente de realização das entrevistas, optei em valorizar o próprio ambiente do ateliê, dentro ou fora da UFG, no qual as artistas-professoras se sentissem mais à vontade para o diálogo. Com base na obra *Espaços de Trabalho de Artistas Latino-Americanos*, organizada por Beta Germano e Fran Parente (2019), foi importante perceber a importância da pesquisa com o uso da fotografia do ambiente de trabalho de artistas, juntamente com as entrevistas, pois é neste espaço diverso que se processa a criação e a produção artística. No texto introdutório do referido livro, Pablo León de La Barra afirma: “um artista não precisa necessariamente de um ateliê, porque um ateliê pode ser uma biblioteca, um local para pesquisa, uma cidade, uma casa” (Germano; Parente, 2019, p. 12). No meu encontro com as três artistas-professoras, Adriana Mendonça e Eliane Chaud concederam a entrevista de sua casa, onde se situa o ateliê. No caso da Flávia Leme, a entrevista foi realizada na FAV/UFG, pois ainda está “correndo o mundo para definir seu espaço/ateliê”, devido ao fato de ser recém-chegada aqui em Goiânia. Para essa artista-professora, que vive ainda um pé lá em São Paulo e outro cá em Goiânia, o ateliê é uma condição essencial ao seu trabalho. Reitera-se o entendimento formulado por La Barra: “[...] o ateliê é o lugar onde o artista pode reinventar sua relação com o mundo ou reinventar o mundo [...]” (Germano; Parente, 2019, p. 12).

Conduzindo as entrevistas com cautela e apreensão, o processo transcorreu com naturalidade e tranquilidade. As participantes foram esclarecidas sobre os objetivos do trabalho e assinaram, antes de dar início à entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Compartilhamos a criação desse trabalho porque a temática é de fundamental importância para nós que somos pessoas

vinculadas com a FAV/UFG. Foi um momento de muita alegria e vontade de aprender, de vivenciarmos juntas um diálogo sobre a experiência na instituição.

Os depoimentos focavam na riqueza da história de cada uma das entrevistadas, desde suas vivências familiares até o ingresso no ensino superior, onde potencializa-se suas experiências como artistas e professoras na universidade. As questões buscaram articular a formação profissional e a produção acadêmica e artística, visando perceber como se sentem ensinando e fazendo arte, seu comprometimento com o desenvolver do outro e da própria instituição. As questões seguiam um roteiro, dentre as quais, destacaram-se as seguintes: antes de ingressarem no ensino superior, quais vivências, experiências foram marcantes na formação artística, tanto no âmbito familiar quanto escolar?; por que escolheu ser artista visual e onde e quando foi a formação?; quem lhe influenciou?; por quem se deixou influenciar atualmente?; por que escolheu ser docente no campo das artes visuais e como foi seu ingresso na UFG?; quais referências são significativas ou influentes na atuação no ensino superior?; quais são as suas motivações para o trabalho docente em Artes Visuais no ensino superior?; como percebe o processo de produção artística e de ensino das Artes Visuais em uma instituição de ensino superior?; o que é e como se sente como uma artista-professora?; sente-se bem em desenvolver os dois ofícios na UFG?; como relaciona e/ou articula o trabalho e ateliê?; como tem refletido sobre a prática artística e educativa?; quais desafios de saber, fazer e ensinar Artes Visuais na Universidade?; como avalia as condições de trabalho e a qualidade do ensino-aprendizagem na FAV?

Na fase de transcrição das entrevistas, foi utilizado um software específico. Embora continuasse voltando ao vídeo seguidas vezes para dele absorver a riqueza da entonação, a contextualização da narrativa da história, constatei que o transcritor não pegava todos os detalhes e, ainda, mantinha erros gráficos que necessitavam de correção.

No decorrer dos diálogos nas entrevistas, foi possível constatar o compromisso e a paixão das entrevistadas com o campo de atuação profissional. Compreendo agora, ao interpretar a fala de cada uma, o quanto é profunda essa relação com a instituição – pois, durante as entrevistas não houve interferência de minha parte, porque eu absorvia cada palavra pronunciada por elas.

2.2 Adriana Mendonça: experiências com gravuras em livros de artista e fanzines

Figura 2 - Adriana Mendonça



Fonte: Elaboração da autora.

Sou Adriana Mendonça, de Buriti Alegre – GOIÁS, me descobri bruxa quando fiz quarenta e dois anos de idade, em 2011, por coincidência, quando me tornei mãe, de lá para cá tenho alternado minhas atividades alquímicas entre a vida doméstica e um ateliê imaginário, local onde passo meu tempo capturando erros distraídos. Acredito que capturar erros e jogá-los no meu caldeirão seja minha forma de fazer arte. No meu ateliê, onde as principais atividades são impressões, não tenho portas nem janelas, apenas caminhos serpenteantes que abraçam imagens e palavras para reproduzi-las de outro jeito. Gosto de infinitas coisas do mundo, vai aqui uma listinha resumida: gente criança, livros, cobras venenosas, insetos, árvores, mato, terra, fogo, céu, batom, pinga, café sem açúcar, banho quente, jiló e melancia.

Adriana Mendonça.¹

¹ARTISTS - ATENÇÃO ISTO É UMA INVASÃO (atencaoistoeeumainvasao.com)

Figura 3 - Ateliê/sala de aula de gravura, FAV/UFG



Fonte: foto no site.

Adriana Aparecida Mendonça é docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais e Design Gráfico, e atua como artista visual e pesquisadora na FAV/UFG. Sua formação acadêmica é muito dinâmica e rica. Possui graduação em Artes Visuais (com habilitação em Pintura) pela UFG (1992), Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela UFG (2014), Graduação em Design Gráfico pela UFG (1996), Mestrado profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural (2004) e Mestrado em Arte e Cultura Visual pela UFG (2008) e doutorado em Arte e Cultura Visual pela UFG (2018). Desenvolve seu trabalho poético no campo da arte contemporânea. Tem experiência em Ilustração, Design Editorial, Jornal Infantil, Ilustração de Livros Infantis, atuando principalmente nos seguintes temas: gravura, desenho, pintura, literatura infantil, ilustração e poéticas visuais (Cf. Plataforma do CNPQ, Currículo Lattes. Acesso em 10/11/2023: <http://lattes.cnpq.br/5746650604229392>).

Conheci Adriana Mendonça na biblioteca central da UFG, e de lá para cá ora professora ora amiga ora parceira de um caminho iniciado desde sempre. Perguntei a ela: “Adriana Mendonça é seu nome artístico, não é? Porque seu nome é Adriana Aparecida Mendonça”. Ela respondeu: “Eu uso Adriana Mendonça porque acaba que fica mais simples, não é? Eu tentei simplificar mais, mas não consegui”.

Marcamos a entrevista para ser em sua própria casa. Antes de chegar lá, passamos por um bosque que nos levou até sua casa. Nesse percurso, me lembrei

das cobras, pois Adriana Mendonça gosta das cobras, em especial das venenosas. Depois Adriana me contou que uma vez uma entrou em sua casa, mas não lhe perguntei se havia matado a cobra. Antes de iniciarmos a entrevista tomamos um café da manhã muito saboroso. Seu ateliê é sua própria casa, ateliê-casa, como ela mesma me corrigiu, segundo ela nos quatro cantos de sua residência existem indícios de sua passagem: livros que ela ilustrou e escreveu, telas, gravuras, desenhos, pinturas, livros de artistas, bacias de experimentos etc.

Adriana Mendonça antes de vir para Goiânia e ingressar no ensino superior viveu em sua cidade natal e em suas memórias ela conta que seus pais a fizeram gostar de ver as coisas com um olhar mais atento, observando melhor, espiando mesmo, como na própria fala dela contando que sua mãe sempre estava puxando para o olhar: “Adriana, espia... olha ali, espia só...” Ela contou que sua mãe a levava para costurar e pintar as roupas, bordar, cozinhar, de forma que não desgrudava dela. A relação com o pai também havia essa maneira de olhar para as coisas, sempre puxando para o saber mais; ele ia à cidade vizinha e trazia caixas de lápis, coisas de desenhar e Adriana disse a que isso foi marcante para sua vida hoje:

Então, essa coisa, se a gente for pensar com essa definição tão forte da arte contemporânea, mas uma relação com esse fazer, com o aprender e com o olhar. Eu acho que isso influenciou as minhas escolhas no futuro. De ser mais construtora, de ser mais... De fazer as coisas do manual, também de olhar e pensar sobre as coisas, querer saber mais, investigar. Isso eu trouxe muito de minha família (Entrevista de Mendonça, 2023).

No ensino superior ela sentiu a influência de muitos professores, dentre os quais, ela cita a professora e escritora/ilustradora Ciça Fittipaldi, o professor e gravurista Zé César, a professora e artista visual Eliane Chaud. Os professores de história em quadrinhos e fanzines Edgar Franco e o professor Gazy. No trabalho atualmente, ela tem parceria com autores de outras áreas como os da Biologia, da mitologia dos Orixás, da Geografia. Adriana Mendonça foi-se percebendo professora diante das experiências que ela passou e sentiu que do seu ateliê não iria garantir o lado econômico, como ela mesma diz: “Nunca foi meu perfil, assim de pagar minhas contas no final do mês como artista visual. Eu sempre tive essa dificuldade de comercializar...”

Entrevista com Adriana Mendonça

Antes de ingressar no ensino superior, quais vivências, experiências e situações foram marcantes na sua formação artística, tanto no âmbito familiar como na educação escolar?

Eu acho que essas questões sempre atravessaram a minha vida, o meu cotidiano. Eu venho de uma família no interior do Estado de Goiás, de uma zona mais rural, uma cidade bem pequena, e tanto o meu pai como a minha mãe vieram trazendo essa questão do olhar, de observar, desde quando eu era criança. Eu tenho muitas lembranças da minha mãe... Principalmente, falando assim: "Adriana, espia... Espia ali... Espia... Olha ali..." Ela sempre estava puxando para o olhar... De forma muito simples... E os meus avós... Eu tenho um avô ferreiro... Talvez eu tenha... Trouxe com ele essa questão do ferro... E avó... Também que era cheia de reciclar coisas... Reciclar latas... Fazer coisas novas a partir dessa reciclagem... E esses meus avós maternos. E a minha mãe sempre com essa coisa do fazer... Do bordado... Da pintura no tecido... Ela fazia as nossas roupas e pintava... E eu sempre junto. Eu tive uma ligação muito forte com a minha mãe... Sempre muito ligada a ela... A pessoa da família que eu tinha... Uma relação muito próxima, sempre ali grudada, ela bordando a roupa, eu estava do lado, você estava cozinhando, eu estava do lado... Desde que eu me lembre... Três, quatro anos. E ela veio trazendo essa coisa do espia... Veio trazendo. Meu pai também da mesma forma... A gente andava ali na região e ele sempre falava assim... "Olha aquela árvore, aquela árvore é linda... Ela tem tal nome". E sempre... Puxando a gente. E o meu pai tinha uma coisa muito legal... Porque a gente morava em uma cidade... Que não tinha Médico... Esses poucos médicos... Quando a gente tinha que ir a médico... Ou até comprar roupa e sapato... Era na cidade vizinha... E às vezes ele tinha que ir nessa cidade e ele trazia para mim coisas de desenhar. Eu lembro que uma dessas coisas foi uma caixa de lápis de cor de 36 cores. Isso é o maior presente da minha vida. Então, essa coisa, se a gente for pensar com essa definição tão forte da arte contemporânea, mas uma relação com esse fazer, com o aprender e com o olhar. Eu acho que isso influenciou as minhas escolhas no futuro. De ser mais construtora, de ser mais... De fazer as coisas do manual, também de olhar e pensar sobre as coisas, querer saber mais, investigar. Isso eu trouxe muito para a minha família.

Aí, no momento seguinte, né, depois quando já fui fazer faculdade, até porque um pouco antes eu tive uma professora chamada Suely e ela me mostrou as

possibilidades de fazer o superior. Quais eram? No colégio público, né? Nestor Mariano Arzola de Buriti Alegre era o nome do colégio e ela foi me mostrando essas possibilidades que poderia ser estudar, né. Eu falava "não, vou fazer arquitetura". Ela foi falando "ah, vou fazer arquitetura". Ela "não, eu acho que é artes". E aí eu vim para cá, para Goiânia, em 88 estudar. Os pais tinham que trazer os filhos para estudar porque não tinha como a gente fazer faculdade ali na região. E eu escolhi a Faculdade de Artes Visuais, ao contrário do que acontecia com muitos colegas, minha família apoiou fazer esse curso. Independente se eu fosse ter uma carreira, um emprego, nada disso a importância para eles é que a gente estudasse e eu tive muita sorte nesse sentido profissional. Eu considero que eu tive uma vida feliz assim.

Agora, professora..., mas assim, eu fiquei por aqui não só pela minha vontade, é porque tinha outras questões familiares de doença, dos meus pais, e eu nunca, quando eu era bem jovem, eu nunca consegui terminar a faculdade e ir para outros lugares, sempre mais próximo dos pais. Então não existia mestrado no começo, depois que eu voltei para fazer mestrado. Mas não me arrependo também de ter ficado. Quem me influenciou foi uma professora do ensino médio, na época a gente falava magistério. Eu fiz magistério na cidade, logo depois o magistério deixou de existir. Então, era a professora Suely, e meus pais...E mais... Na academia, quem influenciou foram tantas pessoas, de alguns professores que me ajudaram muito, de professores que eu tive na faculdade, acho que foram muitos... Acho que é até difícil citar os nomes, mas nesse percurso todo eu tive a Ciça Fittipaldi, o Zé César, a própria Eliane Chaud, que além de hoje colega de trabalho, eu fui aluna dela no doutorado, acho que é uma pessoa que sempre me ajuda a pensar nesse universo da arte contemporânea, eu diria. Nossa, muitas pessoas. Da teoria da arte, O Georges Didi-Huberman eu até usei, fez parte minha bibliografia, do doutorado, mas eu considero que eu puxo de vários autores assim e para desenvolverem os estudos. E esses autores, eu uso Reginaldo Prandi, que é "Mitologia dos Orixás". O que mais? Vários autores que nem são considerados das artes visuais. Eu vou em autores que estão ligados à biologia. Hoje eu tenho trabalhado com a Andreliza, que é uma pesquisadora do IESA, que também tem trazido essas questões do solo, que eu interessei. IESA da geografia. E fui trabalhar com ela. Os meus colegas de trabalho, eu acho que os próprios alunos trazem muitas referências para a gente. Eu acho que é complicado citar. Alguns autores que eu tenho também trabalhado com eles com relação a livros de artista... Outros autores também, até os colegas, né, que trabalham com fanzines na FAV, o

Edgar Franco, o Gazy, que também escrevem, e eu acabo trazendo esses textos para o trabalho. São diversas áreas assim para chegar na pesquisa.

A escolha de ser docente, como você se tornou docente na UFG? Como foi esse processo? Quais as referências que você já citou? Como foi o processo de ingresso seu na docência?

Nossa! Eu acho que assim sempre dá uma alegria pensar... Que a docência é uma espécie de paixão que eu tive... E um compromisso muito sério. E além desse compromisso eu considero também que é uma... Uma questão profissional mesmo... De ter um trabalho, de querer ter um trabalho. Hoje eu vejo sempre... Foi muito complexo essa coisa do artista do ateliê, né? Para a gente hoje é mais complicado você ficar no ateliê, produzir e viver disso. E nunca foi o meu perfil, assim, conseguir pagar minhas contas no final do mês trabalhando como artista visual. Eu sempre tive essa dificuldade de não ter esse perfil de conseguir comercializar, de ter essa... Eu não teria ido se não tivesse também essa paixão e eu achava que tinha um percurso que... Porque eu comecei isso um pouco mais tarde... Um percurso que eu poderia ensinar. Eu trabalhei muito tempo em jornal impresso, como ilustradora. Nessa época, a PUC abriu o curso de design e uma ex-professora me chamou para dar aula de ilustração lá. E nesse processo eu fui percebendo a minha paixão. Eu já tinha feito magistério no ensino médio. Tanto que eu fui fazer depois a Licenciatura, eu fui fazer o mestrado por causa das aulas que eu fui dar e fiquei tão apaixonada. Eu tenho os amigos hoje que são profissionais, colegas, que foram meus alunos nessa época, foi um momento muito bom. E eu fiquei muito apaixonada nessa coisa dessa mediação na sala de aula, essas trocas, do ensinar, do convívio com esses meninos, assim, nessa fase de começando, né, as escolhas profissionais. Eu fiquei muito apaixonada. E acabou que eu voltei para estudar na faculdade para fazer mestrado e doutorado por causa dessa coisa de perceber isso, certo? E me realizo muito ensinando. Para mim é uma coisa que atravessa o meu processo todo de vida. Não só a arte, mas o ensino também.

Eu acho que não tem como a gente não ser... Não ser influenciado. Porque eu acredito num convívio muito intenso, num tempo muito grande, né, que a gente gasta. Depois da PUC, hoje eu fui fazer doutorado e acabei pesquisando muito sobre gravura. E a gravura tem uma coisa, assim, hoje na disciplina de arte, nas disciplinas de

gravura, que é muito amplo, tem uma coisa do ateliê e desse convívio dentro do ateliê, que é uma relação muito próxima com os processos, com o meu processo, com os processos dos alunos, da turma, do próprio desenvolvimento, da forma como a gente planeja disciplinas. Eu, como professora de disciplinas práticas, eu planejo as disciplinas muito no meu fazer também. Já pensando as possibilidades e testando.

A sala de aula é um ateliê.

É. E tem muitas... Assim, na pandemia, por exemplo, que a gente desenvolvia trabalhos online, né? Eu testava tudo em casa, todas as possibilidades, fotografava situações assim, desenvolver Powerpoint, sempre essa coisa do fazer, ver o que funciona, o que dá certo, o que não dá certo para poder mostrar também que muitas vezes o que não deu certo é o que é interessante e desenvolver essa coisa de ligar as antenas, de não entregar, nunca entregar pronto, mas ligar antenas. E para isso eu acabo tendo que ligar as minhas.

Minhas antenas, né? E o ateliê faz isso com a gente. A gente acaba tendo que pensar as técnicas, pensar a partir dos próprios pensamentos, do seu desenvolvimento artístico e ter esse cuidado, que eu acho que é o mais cuidadoso que eu tento, o mais, assim, que eu tento me preocupar muito, é ter esse cuidado para oferecer todas essas possibilidades, para ligar essas antenas sem influenciar no sentido do que é muito do outro, sem afetar o que o outro tem dele mesmo para desenvolver a partir do que eu trago para ele. E aí são muitos universos dentro de uma sala, às vezes 30. Pessoas, com suas próprias questões, com suas próprias buscas, sua forma de entender a gravura, que é muito processual. É isso.

Então aí surge essa questão, o que é ser uma artista-professora?

Nossa, eu acho difícil definir isso de artista-professora. Professor, artista, às vezes fica que tem muito daquela coisa do aprender e ensinar, ensinar e aprender. E sempre está nessa coisa-meio.

Eu desenho muita medusa. Aí um amigo me diz: "Você é uma medusa, tem um monte de cobrinhas aqui na sua cabeça". Eu estava achando que eu não ligava as antenas, não, eu estou.

Ligando umas serpentes, umas serpentes todas tortuosas. Mas eu fico achando que tem a ver com mediar, às vezes em determinados pontos, caminhar junto, sendo

professora, de caminhar junto. Eu estou ali apontando, eu espio ali, eu espio aqui. E os momentos de soltar o outro e a mim mesma, né? Porque tem horas que você tem que se desprender para conseguir produzir, né? Tem momentos que eu costumo produzir muito assim, nos finais de semana. Eu chego em casa na sexta-feira, aí agora eu posso ficar. Artista um pouco comigo mesma, assim. Aí no final de semana a minha diversão é produzir. Aí tento desligar um pouco porque às vezes eu sinto essa necessidade de me desligar. A casa toda é ateliê. Mas assim, eu sinto essa necessidade de me desligar desse processo que é trabalhoso. A gente fica muito cansado, muitas vezes... Eu falo que vou chegar em casa e vou produzir as minhas coisas porque quando a gente chega em sala de aula a gente se sente provocado também fazer e as vezes eu faço antes para poder ver possibilidades e, aí, a sala de aula é hora do outro de pensar sobre o outro acompanhar o outro...

A metodologia, ter uma né? - E que eu falo que é 30 pessoas, né? Então é a gente recebendo gente recebendo 30, uma sala de 30 pessoas... Todos esses universos que são sensíveis, são sensíveis, e às vezes a gente não... Não está totalmente... Tranquilo... Tem dias em que a gente está com as nossas questões também... Então esse preparo de lidar com o não só na sala de aula, muitas aulas, uma aula começa às 8h e às termina às vezes... Eu passo esse tempo todinho ajudando a lavar a matriz, limpar. Ajudando a organizar, ajudando a pensar, ver o que deu certo e o que não ou achar que aquilo que não deu esse caminho aí, talvez aí, talvez algum momento ali, vai por esse caminho e tenta, vê se dá certo. Não deu? Volta, volta e de novo de outro jeito. Pensa um sobre isso, porque eu acho que isso tem... É um compromisso muito sério que a gente tem com o outro, né? Às vezes, esse artista, ele tem que ficar um pouco mais sereno sendo professor. Na hora de ser professor, não que ele deixe de existir, mas o palco é para o outro, é aluno.

Como você tem refletido sobre toda essa prática artística e educativa na UFG? Quais os principais desafios de saber fazer e ensinar artes visuais na universidade? Como você avalia as condições de trabalho e a qualidade do ensino-aprendizagem na FAV?

Muito complicado de responder isso, né?

Como que você tem refletido essa prática artística sua e a prática docente? Como que você sente o desafio de saber, de fazer, de ensinar as artes visuais na universidade.

Ótimo. As universidades públicas têm um perfil diferente do que eu já tinha vivido, né? Já faz um tempinho que eu já cheguei na UFG, mas eu senti um estranhamento, assim... A primeira coisa, assim, que é um universo muito amplo, né? De pesquisa, de conhecimento, de áreas, diferentes áreas... Como eu tenho muito essa coisa do artista-pesquisador, de uma aproximação com a ciência, com a biologia... Isso me deu um universo gigantesco que eu quero acionar, mas eu achei o mais difícil nesse processo de trabalho, além de questões burocráticas, financeiras, foi fazer escolhas. E outra coisa que eu tive muita dificuldade é de dizer não. Porque muito trabalho aparece, muitas questões, e a gente tem que aprender a lidar com o tempo e dizer os não para não adoecer. Porque se a gente se joga a ponto de abraçar tudo que chega até a gente ou tudo que a gente tem interesse, a gente começa a ficar doente pelo excesso de trabalho. Ao contrário do que já foi dito, principalmente nesses anos passados aí, a gente trabalha muito e a gente tem que cuidar um pouco dessa coisa do corpo, da saúde. Eu achei isso um desafio muito grande.

Eu percebi essas mudanças muito grandes, não só as questões do envelhecimento mesmo e de me deparar com um ritmo de trabalho que me cobrou uma atenção para mim mesma que eu nunca tinha tido. De dizer se eu tenho que cuidar, porque eu estou lidando com muitas pessoas, muitas mentes também. Mas tem que cuidar do físico e do mental para conseguir continuar. Eu tenho que fazer essas escolhas e tenho que aprender a falar não, porque eu não vou conseguir abraçar tudo que vai me aparecer, mesmo estando em uma única área que no caso a gravura. Dentro do ateliê de gravura a mesma coisa. São várias áreas da gravura e áreas que exigem, cada uma delas, exigem uma dedicação muito grande, né? E são turmas, várias turmas, turmas com perfis diferentes, porque eu tenho aula com curso de design, curso de bacharelado, que é onde eu me localizo, na licenciatura. São perfis diferentes, e a própria gravura com várias áreas, várias disciplinas diferentes dentro da própria gravura. A gente só tem um ateliê e eu percebo que também a gente precisa de melhorias, de estrutura. Essas áreas da gravura necessitam de ateliês específicos e a gente faz tudo no único ateliê. A gente faz improvisações.

A própria serigrafia... A gente faz improvisação, por exemplo, a gente improvisa tudo ali dentro da serigrafia e muitas vezes o ateliê. A serigrafia é muita água, muita

gente lavando coisas, enquanto, por exemplo, a gravura em metal, a gente trabalha com corrosivos, trabalha com materiais mais tóxicos e às vezes essas coisas não se misturam. A litografia também, né? Exige. É, a lito, peso, né? Prensas pesadas e, muitas vezes, a gente vai ensinar e a gente precisa de auxílio e eu me sinto um pouco. Acho que os professores, principalmente de áreas práticas, um pouco solitários, assim, nesse sentido. E eu sinto também muita falta de poder ter também um envolvimento com estudos mais teóricos sobre o próprio processo de criação, que essa quantidade de atividades às vezes não nos deixa a gente voltar, porque depois que eu entrei muito para o ateliê eu senti uma falta de mais leitura, de mais... E esse tempo... É consumido por questões às vezes burocráticas, né? Por preencher um documento... Eu não sei... Foi uma dificuldade minha, eu sei que é uma realidade, mas foi uma dificuldade minha muito grande... De pensar de forma muito mais racional, né? Porque, assim, é um artista, é um professor, mas a gente tem que ser muito racional e entender uma estrutura que é burocrática, que é matemática, que é... E que tem suas fragilidades, e são muitas. Ao mesmo tempo que tem um universo de conhecimento, de possibilidades... O ateliê, por exemplo, um ateliê com suas dificuldades, mas falo que são joias raras que tem ali dentro. De tranças... Pedras litográficas... Livros... Coisas que a gente não vai encontrar mais. Eu tenho e estou ali na pesquisa, mas com suas fragilidades. Eu vejo isso em outras áreas. Às vezes eu fico frequentando, estou recebendo outras áreas... E eu percebo que é um universo muito rico, que precisa ser cuidado, conservado e ampliado. Porque a universidade sofreu... [...] sofreu? Não. Ela teve ampliação. De alguns anos, alguns vários cursos novos surgindo. E vários concursos, professores chegando. E abertura para mais alunos. E não houve uma outra reestruturação na questão da estrutura mesmo. Mesmo com alguns professores, alguns outros se aposentaram e teve uma ampliação desproporcional da própria universidade. E essa ampliação desproporcional eu penso que é sobrecarrega. Eu sinto falta de mais professores, pesquisadores, trabalhando por conta da demanda. Até porque, também, eu acho que quando esses profissionais eles trazem coisas novas para quem está, isso tudo melhora para todo mundo. Então é isso, eu sinto essas fragilidades. E a principal, acho que eu falei, não sei se é a principal, mas eu acho que esses cuidados com o adoecimento do professor. A gente começa a envelhecer mais e a gente começa a perceber que precisa ter esse tempo de cuidado. Acho que é isso. Mesmo a gente sendo feliz, estando nas áreas que a gente ama, com as pessoas que a gente ama, pessoas que têm a mesma paixão, né? A gente

lida com aquelas pessoas que têm brilho nos olhos, falando do que eu acho que é o meu caso, mas mesmo diante de tudo isso, existe uma [...] que é que eu considero que eu tenho, uma alegria muito grande de ser professora. Muito mesmo.

2.3 Eliane Chaud: poéticas compartilhadas e o cotidiano

Figura 4 - Eliane Chaud



Fonte: Elaboração da autora.

*Nunca fiz avesso perfeito,
Gosto do nó, do fio que enrosca,
Da linha que embarça e solta.
E o avesso passa à superfície,
Na superfície.
Ao mesmo tempo, outro avesso se constrói,
E nem tudo se apresenta.
Opostos congruentes,
Adequações ao que se propõe,
Entremeios, entre superfícies,
Lugares de existência.
Verso, reverso. O que está para ser,
Como se fosse um avesso,
E quanto há no avesso?
O que há no avesso?
É o avesso?
Verso, reverso.
Eliane Chaud, 2017²*

²CHAUD, Eliane M. Entre as afetividades e as materialidades da costura. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 320 – 331.

Na poesia de abertura acima citada, a artista-professora Eliane Chaud fala de seus trabalhos da série “Estudos: para pensar composição, cor, volume e outros”. Ela explica a compreensão de elementos visuais: composição, cor volume.

Figura 5 - Trabalhos da série "Estudo para pensar composição, cor, volume e outros"

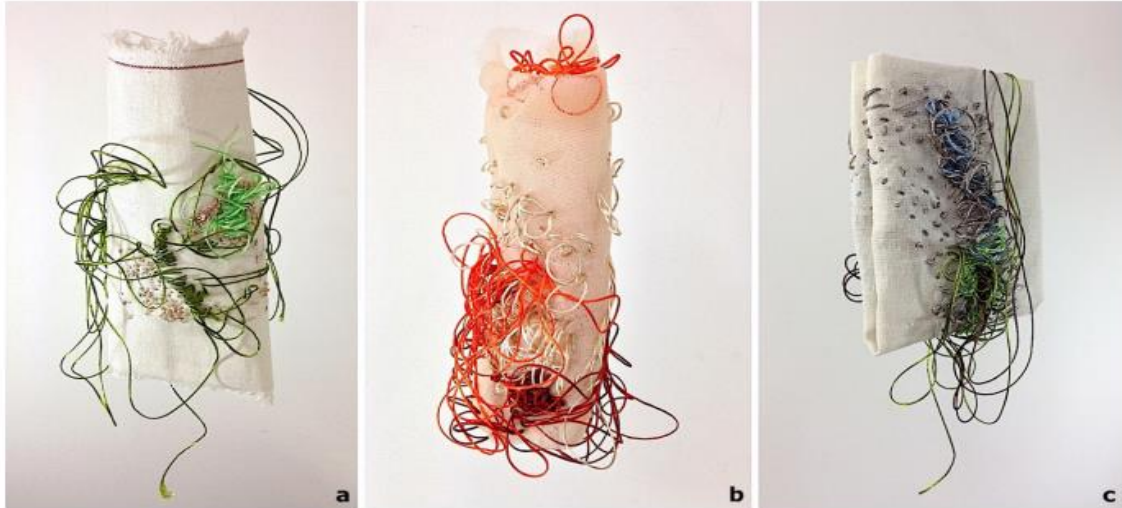


Figura 2: Trabalhos da série “Estudos: para pensar composição, cor, volume e outros”. **a)** *Estudo II*, 2017. Bordado, tecido e linha de viscose. Dimensão: 19x5x2,5 cm. **b)** *Estudo IV*, 2017. Bordado, tecido e linha de viscose. Dimensão: 18x6,5x4cm. **c)** *Estudo V*, 2017. Bordado, tecido e linha de viscose. Dimensão: 16x9,5x2,5 cm. Fotografias: Eliane Chaud.

Fonte: arquivo Eliane Chaud.

Eliane Chaud nasceu em São Paulo, é doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (2012). Mestre em Artes – Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília (2000). Graduada em Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), e Bacharel em Decoração pela Universidade Federal de Uberlândia (1992). Professora da Universidade Federal de Goiás desde 1996. Autora dos seguintes temas: processos de criação, poéticas compartilhadas, práticas culturais, arte em comunidade e Poéticas compartilhadas: mulheres e afetos no bairro Itatiaia. Membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas Âmbar da FAV/UFG. Suas áreas de interesse: Processos criativos em práticas artísticas contemporâneas, Proposições artísticas em comunidades e relações entre arte e experiências cotidianas (Cf. Plataforma do CNPQ, Currículo Lattes. Acesso em 10/11/2023:<http://lattes.cnpq.br/0351688503655258>).

Entrevistei Eliane Chaud em sua própria sala de aula, que também é ateliê institucional, pedindo-lhe que contasse a sua trajetória antes de ingressar no ensino superior, suas experiências e o que levou a decidir pela formação artística:

Eu venho de uma cidade pequena do interior de São Paulo, então acho que as brincadeiras eram muito presentes na minha vida. Eu acho que essa coisa do brincar, do estar na rua, eu acho que essa brincadeira de fazer as coisas, eu acho que isso traz também para o meu processo artístico. E uma coisa que foi fundamental, depois que eu comecei a analisar, que a minha mãe costureira. Então eu via minha mãe fazendo costura, cortando, desenhando. Esse ambiente da costura, depois eu comecei a fazer associações, é muito próximo do fazer arte. Então a materialidade que tinha em casa era tecido, papel, lápis que desenha, a régua que risca. Então esses materiais, de certo modo, contribuíram também para fortalecer o meu processo artístico. Além disso, eu estudava piano. Eram as únicas coisas que eu tinha numa cidade pequena do interior do estado de São Paulo. Eu não tinha muita possibilidade de ver uma obra de arte. A obra de arte que eu conhecia eram as costuras da minha mãe. (Entrevista cedida em 2023)

A sua vivência com a costura e a música – tocava piano – criou nela essa sensibilidade para os trabalhos artísticos:

[...] acho que é pela sensibilidade que me encaminhou para ser artista visual, porque como eu disse, uma cidade pequena onde eu não tinha acesso a museus, galerias, tudo isso de certo modo dificultou assim eu pensar em ser artista visual, mas eu tinha sempre essa coisa com a manualidade, com fazer as coisas manuais, era uma coisa que tinha em mim. E essa coisa pela música, que eu estudei nove anos piano. Então acho que essa sensibilidade foi com o que me levou para o universo das artes visuais. Eu não pensava em ser artista, não, me tornei artista visual. E, assim, artistas que, assim, eu considero que hoje, assim, e foi com o tempo também que sempre me tocaram, e que eu, como se diz, segue, né? São as artistas Lígia Clark, Louise Bourgeois, Brígida Baltar, são mulheres, assim, que são importantes no modo como elas fazem arte, o modo como elas fizeram os trabalhos artísticos e o pensamento delas sobre arte. Eu acho que me influenciou de certo modo no meu modo de fazer arte. Pergunta difícil, mas vamos lá, né? Também me tornei docente. Eu acho que logo quando terminei minha graduação, tive a oportunidade de ter um concurso aqui na UFG na carreira de artes. (Entrevista cedida em 2023).

O desconhecimento de museus e galerias, visto como uma dificuldade pela artista em sala de aula, tende a ser superada ao vermos a preocupação em trazer para o estudante esse conhecimento na teoria e na prática, como por exemplo, nas visitas à galeria da FAV e no ExpoLab, sala na qual havia uma exposição de seus alunos chamada *Entrelinhas e Entrefomas*.

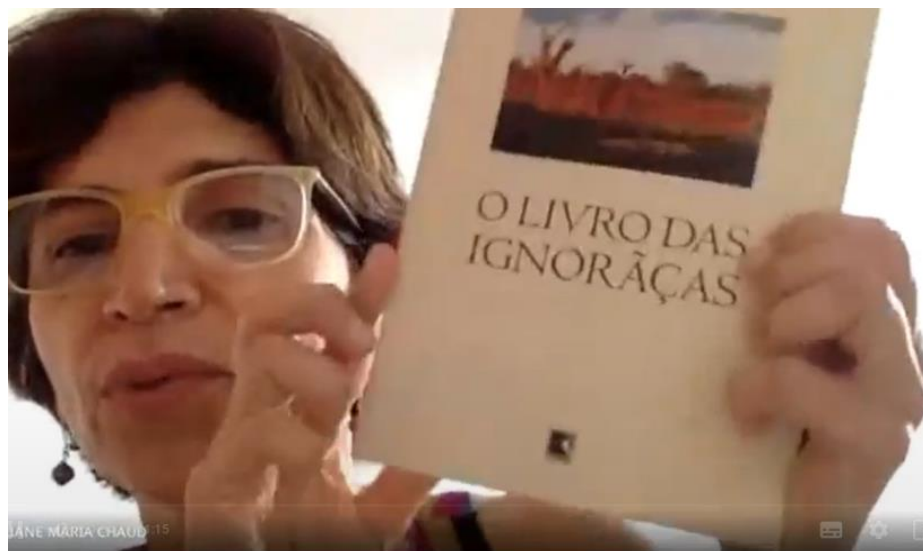
Figura 6 – Exposição Entrelinhas e Entreformas



Fonte: foto da autora.

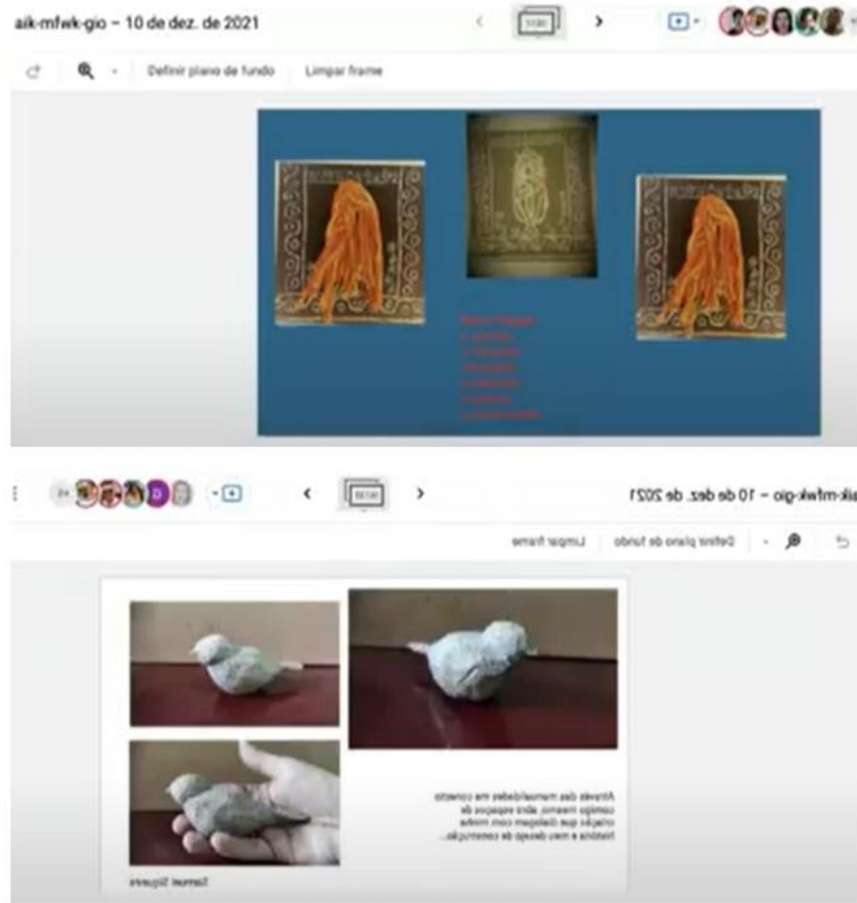
Conheci a artista-professora Eliane Chaud numa disciplina oferecida durante a pandemia, em 2021. Estava em São Félix do Araguaia, MT, experienciando a volta à cidade de minha infância. As aulas eram remotas e Chaud nos apresentava a leitura do livro de Cecília Salles, *O gesto inacabado*. Como ficou marcada em mim aquela leitura. A doçura de sua voz ao ler juntamente com todos. Eliane Chaud nos embalava em um momento muito sombrio, de luto, de choro e perdas, na época da pandemia da Covid-19. Durante uma aula ela nos apresentou, também, Manoel de Barros, *O livro das ignorâncias* e outros títulos. Pediu-nos para apresentar imagens do nosso dia a dia:

Figura 7 - Aula de 10/12/2021, Eliane Chaud



Fonte: Drive da aula.

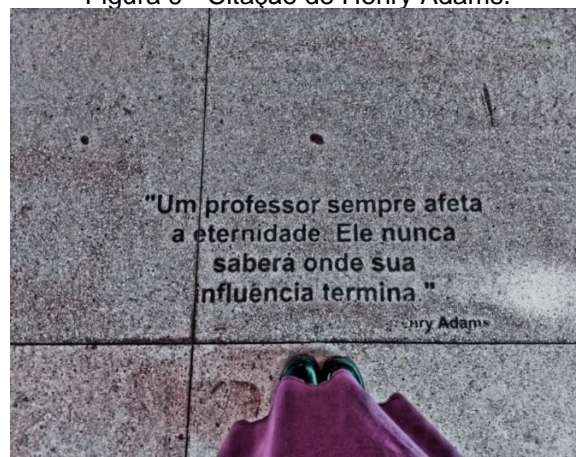
Figura 8 - trabalhos de aluno e aluna apresentados durante a aula de 10/12/2021.



Fonte: Drive da aula.

Como diz no escrito do piso no Instituto de Química/UFG, sinto que o processo de aprendizagem vivido com a Eliane continua latente. Essa frase de Henry Adams veio reforçar a importância de ser um/a professor/a que ensina-aprende.

Figura 9 - Citação de Henry Adams.



Fonte: Foto da autora.

Entrevista com Eliane Chaud

Antes de ingressar no ensino superior, professora, quais as suas vivências, experiências e situações que marcaram a sua formação artística, tanto no âmbito familiar como na educação escolar?

Eu venho de uma cidade pequena do interior de São Paulo, então acho que as brincadeiras eram muito presentes na minha vida. Eu acho que essa coisa do brincar, do estar na rua, eu acho que essa brincadeira de fazer as coisas, eu acho que isso traz também para o meu processo artístico. E uma coisa que foi fundamental, depois que eu comecei a analisar, que a minha mãe costureira. Então eu via minha mãe fazendo costura, cortando, desenhando. Esse ambiente da costura, depois eu comecei a fazer associações, é muito próximo do fazer arte. Então a materialidade que tinha em casa era tecido, papel, lápis que desenha, a régua que risca. Então esses materiais, de certo modo, contribuíram também para fortalecer o meu processo artístico. Além disso, eu estudava piano. Eram as únicas coisas que eu tinha numa cidade pequena do interior do estado de São Paulo. Eu não tinha muita possibilidade de ver uma obra de arte. A obra de arte que eu conhecia eram as costuras da minha mãe.

E por que que escolheu ser artista visual? Quem a influenciou? Quando e onde e como foi a sua formação na universidade? Quem você segue? Quem você deixa ser influenciada no campo artístico?

Assim, eu me tornei artista visual porque acho que a sensibilidade, acho que é pela sensibilidade que me encaminhou para ser artista visual, porque como eu disse, uma cidade pequena onde eu não tinha acesso a museus, galerias, tudo isso de certo modo dificultou assim eu pensar em ser artista visual. Mas eu tinha sempre essa coisa com a manualidade, com fazer as coisas manuais, era uma coisa que tinha em mim. E essa coisa pela música, que eu estudei nove anos piano. Então acho que essa sensibilidade foi com o que me levou para o universo das artes visuais. Eu não pensava em ser artista, não, me tornei artista visual. E, assim, artistas que, assim, eu considero que hoje, assim, e foi com o tempo também que sempre me tocaram, e que eu, como se diz, segue, né? São as artistas Ligia Clark, Louise Bourgeois, Brígida Baltar, são mulheres, assim, que são importantes no modo como elas fazem arte, o

modo como elas fizeram os trabalhos artísticos e o pensamento delas sobre arte. Eu acho que me influenciou de certo modo no meu modo de fazer arte. Pergunta difícil, mas vamos lá, né? Também me tornei docente. Eu acho que logo quando terminei minha graduação, tive a oportunidade de ter um concurso aqui na UFG na carreira de artes.

E eu acho que eu sempre tive esse gosto por ensinar, de passar para as pessoas aquilo que eu conheço. Então, eu acho que isso que me tornou docente, essa vontade de levar para as pessoas também as artes, aquilo que eu conhecia, não só em sala de aula, mas também quando eu faço projetos de extensão, quando eu vou para a comunidade e levo a arte para as pessoas, eu acho que é esse que eu vejo como meu objetivo de vida. É despertar no outro essa questão da sensibilidade para um olhar de uma produção artística, para um olhar para alguma coisa também do cotidiano; é despertar a sensibilidade do olhar. Acho que seria mais ou menos isso.

Como você percebe o seu processo de produção artística e de ensino de artes visuais em uma instituição de ensino superior?

Eu acho superimportante a gente estar assim nessa produção artística, né? Porque quando algumas vezes eu me deparei, assim, que eu não tinha o tempo para estar produzindo, fazendo arte, sempre vendo meu trabalho, era difícil estar em sala de aula. Quando a gente está com uma produção própria de um trabalho, de alguma coisa que te inquieta, que te faça produzir, e isso motiva também a sala de aula. Você dá possibilidade para o outro também perceber essa sua motivação e isso, de certo modo, eu acredito que influencia os estudantes. E estar na universidade pública é um privilégio de poder estar compartilhando isso com outras pessoas. Então, estar aqui dá possibilidade de desenvolver não só o ensino, mas a minha pesquisa. A universidade, ela possibilita o desenvolvimento de pesquisa de criação e de extensão, que é uma dimensão dentro da universidade que me interessa muito, essa possibilidade de estar com o outro.

A extensão, eu há algum tempo, acho que logo, assim, já tenho alguns anos de UFG, mas teve assim, por volta de 2003, 2005, eu comecei a fazer um projeto na cidade de Goiás, com artesãs lá na cidade. Isso foi muito motivador para mim, assim, trabalhar com a extensão e eu senti uma coisa que eu gosto de estar no meio das pessoas, que eu gosto de tratar. Ter a interlocução com pessoas que não estão só na

academia, mas que estão em outros espaços, levar essas percepções de arte para outras pessoas. E daí eu fui desenvolvendo trabalhos no bairro aqui próximo, no bairro Itatiaia, alguns projetos que desenvolvi lá com comunidades de terceira idade, com crianças. E aí teve a pandemia que me atrapalhou um pouco, rompeu o meu desenvolvimento, as minhas ações lá, mas eu pretendo estar dando continuidade nesse projeto, né? Mas é isso, que a universidade está próxima dos bairros, mas ao mesmo tempo tão distante. E a arte também é algo que parece que é distante das pessoas, assim. Eu gosto de proporcionar para as pessoas as aproximações com a arte, sabe? Ver como que a gente não torna a arte contemporânea, essa coisa tão distante, parece que é uma coisa difícil de compreensão. O meu intuito é que fazer uma arte que aproxime as pessoas, que integre as pessoas, que elas se interessem por aquilo. E veja no seu próprio cotidiano e tenha sensibilidade para olhar sua vida, né? É isso.

Então aí surge essa questão, o que é ser uma artista-professora?

É um embate. É um embate. Tem hora que a artista fala mais forte, tem hora que a professora, tem hora que a gente se perde na produção. A produção é de estudante, tem hora que você vê se está querendo o seu pensamento lá naquele trabalho, ou se é o trabalho do outro. Então, cada vez, acho que com o passar dos anos, eu fui aprendendo a saber separar o que é do outro, o que é meu. Mas tem hora que as coisas se tocam. Então, tem momentos que são difíceis de lidar, porque o processo de criação é muito delicado, então você tem que saber até que ponto você pode ir, até que ponto você tem que parar, então é uma delicadeza.

E você se sente bem desenvolvendo os dois ofícios na UFG? Como relaciona e articula o seu ambiente de trabalho artístico e o trabalho docente? Aqui no ateliê, no seu ateliê?

Eu tenho... Conseguido, acho que articular, assim, tem procurado. Não sei se tenho conseguido [...], mas tentado fazer essa articulação, assim, com a minha produção e tentando aproximar os estudantes, né? Agora na disciplina de estágio, tem estagiários comigo e eu estou buscando isso, que eles se aproximam do meu fazer, percebam no meu fazer possibilidades para o desenvolvimento dos trabalhos deles próprios. Então, é uma coisa assim, que é importante a gente ter essa produção

artística pessoal estimular no outro, mas ao mesmo tempo é uma delicadeza que você tem que saber até onde você pode ir, como que você chega, em que pé que você tem que se colocar. É mais ou menos isso. Pergunta difícil.

Como você tem refletido sobre a prática artística e educativa na UFG? Quais os principais desafios de saber, fazer e ensinar artes visuais? Como você avalia as condições de trabalho e a qualidade do ensino-aprendizagem na FAV?

A gente busca, com os materiais que a gente tem alternativos, o desenvolvimento da produção, da criação. Sempre buscando adequar à nossa realidade o que é possível com o que a gente tem em mãos, com esses materiais que a gente consegue fazer esse trabalho. Ao mesmo tempo, eu procuro estimular, nos estudantes, o interesse por esse universo. E é assim, em alguns momentos é difícil, porque às vezes a gente vê que tem que ter uma dedicação muito grande, né? E aí eu acho que é um aprendizado, tanto para mim quanto para os estudantes, essa imersão nesse universo artístico que precisa. Não se torna artista de uma hora para outra, mas tendo que se construir, se ir fazendo. E é na relação, na produção, que cada um vai se encontrando, vai praticando e ver as nossas possibilidades. Então assim, a gente está passando esse momento difícil, mas eu creio que de todas as dificuldades que a gente tem, a gente consegue ver um dispositivo para a gente conseguir crescer com as dificuldades, sabe? É algo que vai me colocar como: "não, não faço isso, não tem como desenvolver um trabalho porque a gente não tem dinheiro, não tem material". A gente desenvolve com o que tem, com a terra, com a água, com qualquer material, é possível a gente fazer um trabalho artístico.

2.4 Flávia Leme: desvios do barro em tridimensional

Figura 10 - Flávia Leme



Fonte: site da artista-professora Flávia Leme.

Nasci cromossomicamente 2 XX. Tornei-me mulher. Mulher, moça, menina, fêmea, feminina; sempre tive interesse por tudo que envolvesse esse universo, o meu universo: as emancipações, os abusos, os direitos, as explorações, as conquistas, as violações, o poder de gerar outras vidas, de alimentar, de acolher, de guardar, de reter... O encanto e o espanto que esses assuntos me causam, instigam-me a buscar e saber mais, para entendê-los melhor e, conseqüentemente, entender a mim mesma. É por esta razão que falar do universo feminino me soa tão familiar e, paradoxalmente, ainda é um mistério a ser desvendado. Desde muito cedo já sabia que o universo artístico seria minha vereda pessoal.

Flávia Leme³

Flávia Leme foi professora na Universidade Estadual de Minas Gerais, ministrou aulas de cerâmica. É Professora Adjunta na Faculdade de Artes Visuais da

³ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. 2009. 340 f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2009.

UFG, na disciplina de Cerâmica e Escultura Contemporânea. Doutora em Artes Visuais na Linha de Pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos pela Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes da UNESP (2018). Mestre (2009) e Bacharel (2003) em Artes Visuais pela mesma instituição. Foi professora voluntária de cerâmica na UNATI - Universidade Aberta à Terceira Idade no Instituto de Artes da UNESP (2015-16). Atuou por 10 anos no Sesc São Paulo (2007-2017) como animadora cultural na área de Artes Visuais, na organização, produção e curadoria das exposições, dos cursos e oficinas de criatividade e coordenação dos educativos. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cerâmica, atuando principalmente nos seguintes temas: cerâmica, escultura, instalação e mulheres artistas latino-americanas. A cerâmica é o suporte principal da sua obra plástica. (Cf. Site da artista: www.flavialeme.com; Plataforma do CNPQ, Currículo Lattes. Acesso em 10/11/2023: <http://lattes.cnpq.br/6562623083838833>).

Conheci a artista-professora Flávia Leme de Almeida, a partir de sua dissertação, tese e artigos científicos e é minha professora na disciplina de *Cerâmica* na FAV/UFG. Desde sua graduação, ela tem uma inclinação pela cerâmica e tem criado uma poética do feminino extraordinariamente visível, cujo desejo de libertação que vem da opressão, agressão e apagamento dos seus sentidos, contrapondo-se às condições das mulheres que foram deixadas na invisibilidade. Flávia Leme busca colocar as coisas em seu devido lugar: faz uma releitura do corpo feminino enquanto recipiente e sua intuição vai em busca do significado perdido. Ela estuda a mulher americana usando o tridimensional. Sua temática é essa mulher e seus símbolos ao longo dos tempos subjugados aos mitos e tabus. Suas peças são expressivas, que nos trazem a dor quando olhamos os elementos como o ferro e a maleabilidade como o elemento barro que pode nos levar a formas bem dinâmicas.

Flávia Leme em sua dissertação fala do seu processo:

Minhas primeiras peças já remetiam indubitavelmente a todos esses assuntos sobre as mulheres, mitos de deusas, ritos de fertilidade, sem eu mesma ter tido um pensamento consciente [...] e remetiam a um corpo feminino em forma de banheira. Eram peças cerâmicas que revelavam uma expressão de imagens arquetípicas do universo feminino, tanto em seu conteúdo formal, como conceitual (Almeida, 2009).

Entrevista Com Flávia Leme

Antes de ingressar no ensino superior, quais vivências, experiências e situações foram marcantes na sua formação artística, tanto no âmbito familiar como na educação escolar?

Bom, eu sempre gostei de desenhar. Sempre fui estimulada pela minha mãe. Eu cresci com muita cerâmica em casa e com livros de arte. Então, para mim foi um processo muito natural. Porém, quando a gente pensa: "ai, vou fazer, vou ser artista, vou ser..." O que sobra para ser artista nesse país? A maioria vai ou para a área de educação ou para a área de crítica de arte, mas sim, tem muitos artistas que conseguem sobreviver. Na época que eu estava estudando, eu pensei: "eu vou fazer uma coisa assim, vou fazer arquitetura, porque eu vou ter um emprego". Só que o destino me levou para a arte. Eu fiz três anos de arquitetura e acabei saindo do curso e entrei no curso de Artes Visuais. Na época chamava Artes Plásticas. E na universidade, eu estudei na Universidade Estadual Paulista, eu descobri não só que era possível ter outras formas de a gente trabalhar, além do desenho, além da gravura, do bidimensional, que é o tridimensional, que é a minha área, mas também que era possível trabalhar como arte educadora. Então, nesse período, para mim, na minha formação artística, foi muito importante eu trabalhar em diversas exposições em São Paulo... Eu sou de São Paulo... que me ajudaram muito na complementação da minha formação. Porque a universidade, ela é, enfim, tem esse nome, não é por acaso, a gente tem muitas disciplinas, mas ela não é o suficiente para nossa formação. A gente tem sempre que procurar além da universidade.

E por que escolheu ser artista visual? Quem que influenciou você? Quando, onde e como? Como foi a sua formação na universidade? Eu sei que você já falou da Unesp, né? Quem você segue e se deixa influenciar no campo artístico atualmente?

Bom, já falei um pouco disso, né? Que desde criança eu desenhava e tal, na escola, todo mundo me chamava para fazer decoração, festinha. Então, meio que foi um caminho natural. E tinha essa coisa de ter livros de história da arte, que minha mãe, a minha mãe era professora, então ela era muito preocupada. Ela percebeu que eu gostava disso e ela, acho que é a pessoa que começou a minha formação, foi minha mãe. E aí, como eu falei, que eu fui para arquitetura e na verdade, eu ia ser uma arquiteta frustrada. Ainda bem que eu saí do curso e fui para as artes. E acabei fazendo minha formação acadêmica toda na Unesp, tanto a graduação quanto o

mestrado e doutorado, seguindo a linha de poéticas visuais, que na verdade na Unesp chama Processos e Procedimentos Artísticos. Então, é uma reflexão sobre o nosso processo artístico e pelo trabalho que a gente produz. E foi na minha graduação que eu descobri que a minha grande paixão dentro do universo das artes visuais era cerâmica. Então, uma pessoa que foi muito importante nesse processo é a professora de cerâmica que chamava Lalada Dalglish. Que foi a minha professora de cerâmica, que chamava Dalglish, que foi minha orientadora de mestrado e doutorado e foi a pessoa que me iniciou nessa linguagem artística. E de artistas que eu sigo, que me influencia, tem uma pessoa que é muito emblemática para mim, que eu estudei tanto no mestrado quanto no doutorado, que é uma professora artista que já faleceu, carioca, chamada Celeida Tostes. Então, ela é para mim uma grande referência. Tenho outras, mas essa é a principal.

E por que escolheu ser docente no campo das artes visuais? Como foi o processo de ingresso na UFG? Quais referências são significativas ou influentes na sua atuação como docente no ensino superior? Quais as suas motivações para o trabalho docente em artes visuais no ensino superior?

Muitas perguntas. A escolha de ir para a carreira de Magistério Superior veio na minha experiência como arte educadora em museus. Então, eu trabalhei em exposições da Tate Gallery, quando veio para o Brasil, Picasso na Oca, Bienal. Agora não me lembro, são muitas. Essas são as mais emblemáticas. E aí eu descobri, nesse caminho. Eu também dei aula no ensino fundamental, mas eu descobri que eu gostava mais... Assim, lembrei, que foi o divisor de águas. Eu comecei a entender que o divisor de águas, eu entendi que eu gostava dessa área, porque o curso que eu fiz era bacharel, bacharelado. Porque na minha época era educação artística ou artes plásticas, e aí eu escolhi fazer artes plásticas, porque eu queria ser artista. E aí, trabalhando como arte educadora, eu entendi que eu gostava dessa relação, mas gostava mais de adultos. E aí eu dei aula como voluntária um período para a Universidade Aberta da Terceira Idade, na UNESP. Então, eu dei aula para adultos de cerâmica, e aí eu falei: "ah, então é isso, ser bem específico, dar aula de cerâmica para adultos". E a universidade, bom, é um lugar que eu sempre gosto muito de pesquisa. Eu gosto muito de estudar.

Então, para mim foi um caminho meio natural, assim. Foi: "Ah, eu quero aprofundar no mestrado, doutorado". E estar numa universidade, ela implica isso, né?

A gente tem esse tripé, que é o ensino, pesquisa e extensão. Então a gente tem que estar sempre atuando nessas três áreas e é por isso que eu escolhi a docência. Como foi o processo de ingresso na UFG? Bom, eu estou recente aqui, faz um ano e quase dois, um ano e meio para dois. Estou ainda estou no estágio probatório. Estou me adaptando mais à cidade do que à universidade. Porque a universidade tem uma coisa que é muito comum, as universidades públicas, que é o modo de funcionar, o modo como a gente... Eu fui estudante, e a maior parte da minha vida, mais do que docente, então, para mim é muito fácil estar dentro da universidade. É mais a adaptação mesmo do clima, que é muito diferente aqui, a cidade, mas isso é processo, isso faz parte de qualquer mudança de estado. Deixa-me ver o que mais que tinham de perguntas. Referências significativas na atuação como docente no ensino superior. Bom, eu já citei a Celeida Tostes, né, porque ela é uma grande referência como artista e como professora para mim. Inclusive porque ela é uma... Foi, né, desculpa, uma pessoa da área de tridimensional, especificamente da cerâmica. E ela também trabalhava com ações e projetos fora da universidade. Então, ela é uma pessoa muito emblemática para mim. Bom, minha motivação maior é, primeiro, que eu adoro a cerâmica e adoro dar aula. Então, essas são as grandes motivações. Mas, para mim, é muito gratificante ver os estudantes desenvolvendo trabalho, mergulhando no processo e na pesquisa, porque é como se eu estivesse vendo o meu caminho neles. E fazer parte disso e, de certa medida, estimular isso, para mim, é o que dá sentido como docente.

Então, o que é uma artista-professora? Você se sente bem desenvolvendo esses dois ofícios, tanto artista quanto docente?

Bom, o que é ser artista professora é, basicamente, a gente lidar com desafios de encontrar espaços dentro da nossa agenda, que é cheia de compromissos e tem muita burocracia também, né? Como professor de uma universidade pública, a gente acaba tendo que assumir também demandas que são administrativas, para além do tripé, que eu já citei. Então a gente tem que organizar o nosso tempo "livre" para ser artista, atuar como artista. E claro, essas coisas não são tão racionais. Como eu estou recém-chegada aqui, eu ainda não tenho um ateliê, então acabo usando o ateliê de cerâmica da Universidade para produzir. Então eu reservo sempre um dia, um horário na semana para vir aqui, para estar produzindo. Às vezes eu não consigo, né? Enfim, faz parte do processo. Mas...

Como você articula o trabalho artístico e o trabalho docente?

Olha, essa é uma pergunta um pouco difícil de dizer, né? Mas eu acho que eu tenho tentado, né? A gente não consegue... Nem sempre a gente é bem-sucedido, mas a gente... Processo artístico, né? Produzir arte não é algo que a gente consegue fazer do tipo "agora eu vou sentar e resolver tal tarefa". Não é assim que funciona. E a gente precisa estar atento também a tudo que acontece na vida da gente, porque essas coisas podem ser influências para o nosso processo de criação. E não apenas um artista específico ou uma pesquisa, determinado tema. Às vezes a gente tem insights em momentos e lugares mais inesperados. A questão é a gente estar atento a isso. Os acasos. Os acasos e a criação artística, o processo de criação artística, exatamente.

Como que você tem refletido sobre a prática artística e educativa? Como você avalia as condições de trabalho e a qualidade do ensino-aprendizagem na FAV?

A minha prática artística e educativa na UFG, ela ainda está muito recente, né? Então, eu estou meio assim, eu estou aprendendo a pedalar pedalando. Começar tudo novo, uma cidade nova, um trabalho novo. Venho de uma outra universidade também, comentei isso, mas eu estive quatro anos dando aula na UENG, que é em Minas Gerais, a Universidade do Estado de Minas Gerais, na disciplina de cerâmica. Eu era professora lá. Mas lá tem um funcionamento, uma grade curricular diferente da FAV. Lá os estudantes eles se formam, eles se habilitam na disciplina de cerâmica, eles escolhem a escultura, que é separado, gravura. Então eu tinha estudantes que estavam fazendo um TCC e eu orientava o TCC do estudante em cerâmica. Então, era um aprofundamento, era um ano da disciplina de TCC e ainda tinha um ano antes que a pessoa fazia a disciplina de cerâmica. Então, aqui é um pouquinho diferente. A gente está no processo de mudança do PPC do curso, que vai entrar em vigor em 2025. Eu participei ativamente no NDE, que é o Núcleo Docente Estruturante, então uma das coisas que eu solicitei, que vai acontecer aqui, é que a gente vai ter um ano de cerâmica, pra gente poder aprofundar. Porque um semestre só é pouco para esse modelo que eu entrei. Então a gente vai mudar isso porque para mim é uma dificuldade. Dar um semestre só de cerâmica a gente não consegue. Uma sala de 30,

35 alunos, não consegue aprofundar muito em outros processos. A gente fica no básico.

Então os desafios que eu tenho aqui, de saber fazer e ensinar, eles estão um pouco misturados com os desafios que essa configuração do curso atual se encontra e que vai mudar graças a... Eu cheguei bem nesse momento de mudança, né, e aí pude também dar essa mudada para eu conseguir desenvolver mais. Então está muito recente ainda. Eu estou dando a segunda vez a disciplina de cerâmica. Eu dei o ano passado. E aí eu criei também um núcleo livre, né? Um tópico em arte, para poder aprofundar. Mas isso é assim, no horário da tarde, não está dentro da grade. Então é um complemento, mas, ainda, não vai ser oficial, só a partir de 2025.

E a pergunta sobre a prática artística e educativa na UFG. Eu acho que os professores aqui, eu estou, né, mais uma vez, eu sou recém-chegada, então eu não tenho... Quem sou eu na fila do pão? Mas eu acho que, de um modo geral, alguns professores pontuais, normalmente são os professores de ateliê, eles, eu, enfim, a gente tem uma prática artística mais contundente. Os professores que dão disciplinas teóricas, não, porque estão em um outro lugar aqui. Não que eles não tenham produção, alguns têm, mas quem está mais ativo, que produz, que participa da exposição... Inclusive, a gente tem um grupo de pesquisa aqui, que é o grupo AMBAR, que é um grupo com professores artistas e eu faço parte desse grupo e tem sempre exposições. Então, a gente tem encontros de desenho para pensar o processo de criação, porque é isso, se a gente fica muito no nosso em si mesmo, ou só na nossa atuação como docente, a gente acaba deixando de lado a produção. Então é bom que um estimula o outro [...] a gente vai expor o ano que vem, que então, também, é um estímulo para a gente produzir.

Ah, sim. A minha pesquisa, obrigada. A minha pesquisa de doutorado, ela foi voltada para a "Desvios do Barro"... é tão grande o título... "Feminismo, ancestralidade, feminismos, rituais nos processos de criação artística na cena contemporânea". Eu errei alguma palavra, agora não me lembro, mas é isso. Ah! "de mulheres artistas latino-americanas", exatamente. Eu quis voltar um olhar justamente para a produção de mulheres artistas latino-americanas que trabalhavam com barro, ou seja, eu usei barro justamente para brincar com essa ideia tanto da cerâmica cozida quanto a cerâmica crua, que é a argila, que é o barro. E é um desvio do olhar para o hemisfério sul, especificamente, a América Latina. Porque agora está muito em voga essas questões decoloniais, mas quando eu entrei em 2014 ainda estava muito... 10 anos,

já foi fazer 10 anos. Estava muito incipiente esse tipo de pesquisa. E eu tive muita dificuldade de achar material e textos que tivesse, claro, esse recorte da minha pesquisa. Não sobre o intercolonialismo, né? Sobre esse pensamento. Inclusive das próprias artistas. Por que o que acontece? A gente às vezes não tem um site, não tem um... Hoje em dia gente, né? Instagram estava começando.

Começou em 2012, eu acho, 2013. Então, as pessoas não usavam as redes sociais como a gente usa hoje para divulgar trabalho. Então foi um grande desafio. Assim, eu deixei muita gente de fora, justamente porque eu não conseguia achar. E depois, com o tempo, pessoas também me indicavam, mas eu já tinha defendido um doutorado. E isso também me ajudou muito, que acho que é uma coisa importante para pontuar, isso ajudou muito no meu processo, no meu trabalho. Mas também, em contrapartida, às vezes o caminho era inverso. Era não necessariamente estudar ou pesquisar essas mulheres artistas me influenciou, mas às vezes eu desenvolvi algum determinado trabalho e na pesquisa eu descobro que determinado artista já fazia algo semelhante. Então, não necessariamente essas influências, que é uma coisa que eu costumo falar muito para os estudantes. "Ah, mas eu criei esse trabalho da minha cabeça. Esse artista pode ter semelhança, mas eu não conhecia esse artista". Tudo bem, gente! Esse artista já tem uma trajetória, já tem um nome consolidado. É importante que mesmo que você não conhecesse ele e ele não tenha sido ele ou ela influência para o seu trabalho, é importante você citar. Não só porque demonstra o seu conhecimento, a pesquisa tem a ver com conhecimento, mas também esse lugar de consideração, enfim, a referência, mesmo ela não sendo uma referência direta, é uma referência.

E a minha pesquisa, agora só para fechar isso, a minha produção artística, ela está muito voltada para esses três temas que estão no meu título, que é falar da ancestralidade, falar de feminismos, no plural, propositadamente, porque não existe um tipo de feminismo, e de rituais. Então, falo um pouco sobre artistas que trabalham com performance, tudo, mulheres latino-americanas que trabalham com barro, com cerâmica. E trabalham com a temática feminista e trabalham, também, com a temática da ancestralidade. Porque para mim é um tripé muito importante pra minha produção, pro meu processo. E eu venho do mestrado, de uma pesquisa que chamava Mulheres Recipientes, então eu, nessa época eu estava trabalhando com a forma convexa e no doutorado eu viro essa forma para a côncava e trabalho com formatos que são como

se fossem peitos. O recipiente do bowl, da cumbuca, vira um objeto que não tem essa utilidade, ele é mais decorativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de estudo e vivências propiciadas com essa investigação, reafirma o quanto foi acertada a minha decisão, lá em 2016, em retomar ao campo da formação e atuação em Arte. De modo significativo, a Arte exerce um poder em mim desde criança e adolescente, que participava do teatro da cidade e viajava para cidades circunvizinhas para apresentação de espetáculos, tocava instrumentos de cordas, percussão e cantava no coral da igreja. Há tempo havia abandonado essa experiência com o campo artístico e nesses últimos anos revejo-a na Licenciatura e no Bacharelado em Artes Visuais, quando ingresso na graduação da FAV/UFG.

Ao explorar as entrevistas com as professoras de artes visuais – Adriana, Eliane e Flávia – emerge uma análise que identifica tanto convergências quanto divergências em relação às suas perspectivas artísticas e pedagógicas. Cada uma dessas profissionais contribui para um entendimento mais amplo da interseção entre prática artística e ensino, compartilhando desafios comuns e revelando nuances distintas.

Ao escutar as artistas-professoras foi possível identificar diversos aspectos convergentes e divergentes de suas perspectivas artísticas e pedagógicas.

No que diz respeito às influências e à formação artística, todas demonstram com carinho a importância das experiências familiares na criação de uma identidade artística. Adriana Mendonça destaca o apoio dos pais e avós, Eliane Chaud mostra a forte presença da mãe costureira e Flávia cita a importante influência da mãe desde a infância. Valorizar a arte na vida e a sensibilidade como fatores definidores também são pontos comuns.

Sobre a transição para a docência, Adriana revela que sua decisão foi motivada pelas dificuldades financeiras de uma artista visual e pela paixão pela ilustração. Eliane alia sua escolha à vontade de compartilhar informações e despertar a sensibilidade das pessoas para a produção artística. Flávia escolheu a profissão docente após suas experiências como professora de artes em museus e universidades, onde teve o prazer de ver alunos desenvolverem sua trajetória artística.

Quando adentramos o fazer pedagógico em sala de aula, Adriana considera seu espaço um verdadeiro ateliê, chamando a atenção para o caráter prático e

experimental. Isso fica claro quando ela aborda a questão da adaptação ao aprendizado online em tempos de pandemia. Eliane, por sua vez, destaca a necessidade de participar da produção artística para motivar seus alunos, enquanto Flávia enfatiza a integração da prática artística e da educação como essencial.

Ao discutirem os desafios da docência universitária, as três professoras mostram sensíveis aos temas comuns, como a necessidade de equilibrar a identidade de artista e professor, a importância de cuidar do bem-estar físico e mental em uma carga horária pesada e a adaptação constante às diferentes condições de trabalho e problemas administrativos.

Em relação à universidade pública, Adriana destaca mudanças e desafios, incluindo expansão desproporcional sem mudanças estruturais adequadas. Eliane nos convida a refletir sobre a importância de estimular o interesse dos alunos, mesmo diante dos recursos limitados, enquanto Flávia endossa os desafios administrativos e pedagógicos, ressaltando a necessidade de flexibilidade e integração entre a prática artística e educacional.

As trajetórias dessas artistas-professoras nos convidam a refletir sobre a relação entre a prática artística, a experiência docente e a necessidade de cuidado com o ambiente acadêmico. As semelhanças e diferenças destas abordagens mostram a riqueza e diversidade de perspectivas no campo da arte e da pedagogia, contribuindo para uma compreensão mais ampla e enriquecedora do papel de artista-professora na era contemporânea.

Neste espaço de construção reflexiva, chama atenção para o fato de que a prática artística dá espaço não só para a reflexão sobre a prática docente, mas também possibilita uma conexão profunda com o processo de aprendizagem e criação. Ao vivenciar o ateliê como parte integrante da educação e do trabalho do professor de artes, além das competências técnicas, é possível cultivar emoções e observações que transcendem os limites da sala de aula. Esta imersão na prática artística não só enriquece a experiência pessoal, mas também se traduz em abordagens de ensino mais autênticas e eficazes, promovendo uma relação dinâmica e enriquecedora entre artista e educador. Nessa forma de construção de pensamento, entendemos que o trabalho no ateliê é uma parte integrante da formação de professores.

Diante de tudo isso, estudar um referencial teórico baseado no conhecimento artístico e educativo de minhas próprias professoras e de outros artistas-professores me ajudou e ajuda-me a desenvolver minha criatividade, e, sobretudo a sentir e ver

minha própria experiência. Porque penso, também, que toda/o professor/a deve ter uma “vivência no ateliê”, pois o processo criativo está conectado com o universo artístico e deste podemos sentir os acasos e os processos de criação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Coleção Arte e Educação).

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais.** 2009. 340 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.ia.unesp.br/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Desvios do barro: raízes culturais, feminismo e rituais nas poéticas de mulheres artistas da cena contemporânea latino-americana.** 2018. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.ia.unesp.br/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BARROS, Lilian Ried Miller. Bauhaus. *In:* BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe.** 4. Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, 2017.

BORN, Patriciane Teresinha. **Entre a docência e o fazer artístico: formação e atuação coletiva de professoras artistas.** 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69926/000875490.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CHAUD, Eliane Maria. **A Poética e o Cotidiano: a costura em cruz das almas-Ba.** 2012. 193 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: www.ufba.br. Acesso em: 08 jan. 2024.

GERMANO, Beta; PARENTE, Fran (Org.). **Espaços de Trabalho de Artistas Latino-Americanos.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAMPERT, Jocielle (Org.). **Sobre ser artista professor.** Florianópolis: UDESC, 2016.

LAMPERT, Jocielle; NUNES, Carolina Ramos. Entre a prática pedagógica e a prática artística: reflexões sobre arte e arte educação. **Revista Digital do Lav**, Santa Maria, v. 7, n. 3, p. 100-112, set./dez., 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/14258/pdf_1. Acesso em: 12 ago. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Impressões**: experimentos com gravura em livros de artista e fanzines. 2018. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/2003021b-53b0-40f9-b398-ff7750dd0872>. Acesso em: 08 jan. 2024.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não o deixe virar professor**: reflexões em torno do híbrido professor performer. 2013. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.unesp.br>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. O lugar da arte na escola. **Revista da Fundarte**, Porto Alegre, v. 14, n. 28, p. 1-13, jul./dez., 2014. Semestral. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte>. Acesso em: 19 ago., 2023.

THORNTON, Sarah. **O que é um artista**: nos bastidores da arte contemporânea com Ai Weiwei, Marina Abramovic', Jeff Koons, Maurizio Cattelan e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Edmilson Vitória de. As poéticas pedagógicas do artista-professor. In: 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas: Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. **Anais [...]**. Florianópolis: ANPAP, 2007, p. 791-799. Disponível em: <https://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/080.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

WEISS, Luise. Artes visuais nas universidades: um espaço para fazer, experimentar, pensar e aprender a ver. São Paulo: **ARS**, v. 7, n. 15, p. 104-111, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/hybsp6tkwsBzTdbjVD5RKhd/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2023.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA



UFV
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **Artista-professora em artes visuais: Percursos sobre o saber/fazer/ensinar arte na universidade**. Meu nome é **Maria Raquel Gomes da Silva** sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é Bacharelado em Artes Visuais. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail **mraquel@ufv.br** e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **62 981364224** inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Viçosa, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa (CEP-UFV) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a relação entre a formação de “ser artista que educa e ser professora que faz arte” (ALMEIDA, 2009, p. 66) vivenciada em um curso de graduação por artistas-professoras da FAV/UFV. Você será observada em sua aula, fotografada em seu ateliê e será entrevistada com perguntas relacionadas ao seu trabalho de artista-professora, que no final será transformada em um vídeo documentando sua prática artística e pedagógica e para isso deverá reservar um período que será marcado com antecedência. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos mínimos conhecidos (toda pesquisa pode oferecer riscos, por isso, não se deve afirmar nos documentos que a “pesquisa não oferece riscos aos participantes”), tais como o cansaço para executar as atividades propostas pela pesquisa, constrangimento e riscos emocionais, como os potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios: reflexão sobre a prática de uma artista-professora.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador ou celular, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

- () Permito a utilização de gravador/celular durante a entrevista.
() Não permito a utilização de gravador/celular durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- () Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **Artista-professora em artes visuais: Percursos sobre o saber/fazer/ensinar arte na universidade**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Raquel Gomes**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

da Silva sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável